

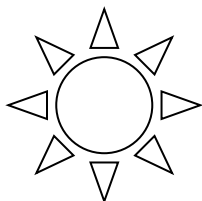
LITERATURA DA UMBANDA DA  
ILUMINAÇÃO



# **GIRA DE LUZ**

**(Romance mediúnico umbandista)**

**2ª EDIÇÃO**



## **Caboclo Sete Estrelas**

**Pela mediunidade de  
Pai Gabriel de Oxóssi, S.U.I**

---

Todos os direitos autorais dessa obra são reservados e protegidos. Nenhuma parte pode ser copiada ou reproduzida em qualquer meio sem a autorização de seu autor

*Dedico essa obra ao Caboclo Tupinambá das Sete Matas,  
nosso pai e nosso Grande Professor que nos ensina a  
amar!*



## **INTRODUÇÃO DO MÉDIUM**

Esse é o primeiro romance mediúnico da Umbanda da Iluminação e eu me sinto com uma enorme dívida de gratidão com o espírito Caboclo Sete Estrelas. Durante alguns meses ele esteve em minha casa todos os dias sem falta disposto a abrir seu coração e escrever para nos instruir.

Com sublime amor ele passou a relatar os acontecimentos de uma gira onde todos os detalhes dos bastidores dela são apresentados com muita clareza. É maravilhosamente espantoso compreender com tanta clareza toda a estrutura espiritual por trás de uma gira e assistir com tanta honra a atuação das diversas linhas de trabalho durante nosso rito.

Nós, os trabalhadores encarnados da gira, somos apenas a ponta material de uma estrutura magnífica que nos dá suporte nos mais diversos planos astrais existentes. Isso me encheu de fortaleza e de respeito pois percebi que as tendas de Umbanda são canais materiais

por onde flui um rio imenso de luz espiritual vinda dos planos mais elevados.

O livro nos apresenta ideias espirituais muito intrigantes e que com certeza merecerão inúmeros estudos posteriores. A Umbanda é uma religião que lida com as forças mágicas da Natureza e percebemos claramente nesse livro a ilustração de diversos pontos doutrinários como o axé, a presença dos orixás, detalhes mediúnicos e assim por diante.

Esse livro só aumenta a minha dívida de gratidão com a espiritualidade. Enquanto ele nos enche de sabedoria nós vamos ficando cada vez mais pequenos diante da imensa quantidade de conhecimentos que nos falta obter.

Que o Caboclo Sete Estrelas e nosso Pai Tupinambá possa nos abençoar cada vez mais com pérolas lindas como essa!

Que assim seja! Axé!

Bauru, 19 de Outubro de 2020

Pai Gabriel de Oxóssi. S.U.



# **CAPÍTULO UM**

## **OS GUARDIÕES E A CABOCLA**

Quando Márcio chegou ao terreiro todos estavam preparados para atendê-lo, pois já há muito tempo estávamos tentando trazê-lo aqui. O primeiro contato de Márcio foi com os guardiões que se posicionam na entrada do terreiro capitaneados pelo Exu Tranca Ruas das Almas. Esse guardião se apresenta como um homem sem camisa, vestido com uma calça preta, uma cartola preta na cabeça e uma longa capa azul escura com o símbolo de seu ponto riscado pintado nela em dourado. Em seu peito traz uma guia formada por sete contas vermelhas e sete contas pretas, todas separadas por pequenos garfos de tridentes de linhas retas. Traz na mão esquerda um tridente de mais ou menos um metro e meio com uma guia de contas pretas e vermelhas em cada garfo do tridente. Todas as vezes que o vejo ele está fumando um charuto que parece ser infinito pois nunca o vi diminuir. Essa entidade tem um

linguajar de palavras grosseiras mas, quando observamos o chacra cardíaco dele, vemos cores amarelas e por vezes róseas indicando que ele tem profundo amor pelo trabalho que faz e que possui sentimentos de verdadeira amizade para com o terreiro e seus membros. Acho de grande beleza a Umbanda julgar mais o sentimento do que a forma, pois até mesmo eu poderia julgá-lo pelas palavras grosseiras sem entender que se trata de sua forma e não da qualidade de seu interior. Ele fica postado no centro do portão na calçada do terreiro e do seu lado direito se posicionam três guardiões também com garfos parecidos e ao lado esquerdo mais três guardiões. Eles são todos de falanges diferentes e cada um possui suas características, mas são todos governados pelo Exu Tranca Ruas e me parecem ser todos eles da mesma condição espiritual, ou seja, grosseiros na aparência e afetuosos por dentro.

Márcio chegou acompanhado de uma amiga e ainda quando estava um pouco distante um dos guardiões correu até ele para analisá-lo de cima a baixo de acordo com as técnicas que possuem. O guardião observou a aura de Márcio e os três desencarnados que o

acompanhavam sugando suas energias de forma visivelmente agressiva. No ombro direito de Márcio estava uma insígnia com o símbolo do Sagrado Coração de Jesus que só podia ser observada pelos membros da egrégora e esse era o sinal de que Márcio recebeu autorização para participar dos ritos do terreiro. Se o guardião não encontra essa insígnia ele precisa colocar em prática sua missão de não permitir que a pessoa chegue até o terreiro. Nesse caso como Márcio possuía a insígnia sua participação foi permitida. Em outras ocasiões muitos guardiões são convocados para impedir que espíritos trevosos ou pessoas encarnadas de más intenções vão ao terreiro e nessas missões os guardiões precisam trabalhar com dias de antecedência para que a presença desses seres não se concretize. O correto é que somente pessoas autorizadas possam ter acesso e, por isso, mesmo sabendo que só podem se encaminhar para o terreiro os autorizados, os guardiões precisam investigar todos os que se aproximam da casa. As forças das trevas são astutas e existe a possibilidade de conseguirem furar o mecanismo da casa e se aproximarem sem autorização.

Logo na escada que leva ao terreiro Márcio foi abordado de forma discreta por uma cabocla de nome Indaiá das águas que todas as sextas-feiras se posiciona ali para limpar a aura dos consulentes e médiuns com um preparado de água de cachoeira e ervas escolhidas segundo a necessidade do dia. Naquele dia específico eu estava acompanhando Márcio pessoalmente, mas invisível aos guardiões que não conseguiam ver minha presença. Eu me responsabilizei pessoalmente junto ao meu pai de conduzir esse homem a nossa aldeia espiritual para ajudá-lo. Na escada observei a rapidez com que a Cabocla derramou sobre as costas de Márcio seu preparado de ervas e vi um efeito calmante se espalhar sobre sua aura que foi mudando de cor rapidamente. A cabocla usava um penacho e um saiote de cor amarelo vibrante e trazia em seu corpo diversos colares de ervas secas das mais variadas espécies e cumbucas com água de cachoeira.

Nas mãos segurava uma bacia de madeira onde se encontrava o abençoado líquido com o qual ela aspergia a todos com um galhinho de alguma árvore.

- Saravá cabocla! - disse eu a saudando. Dela eu não conseguia me esconder pois a vibração dela era muito próxima da que eu estava utilizando. Ela me cumprimentou a princípio com um gesto de cabeça pois estava completamente concentrada em seu trabalho e assim que terminou o que estava fazendo disse:

- Salve Sete Estrelas! Você que conduziu esses filhos aqui hoje?

- Eu mesmo, minha Cabocla! - respondi - eles são importantes para o meu Pai por causa do pedido de um médium da casa. Responsabilizei-me com meu pai em fazer de tudo pra trazer eles aqui essa noite.

- Que bom que você conseguiu porque a situação dele me parece bem delicada. O que você vai fazer com os três que estão ali na entrada? - ela apontou para os três espíritos que não conseguiram entrar por causa da ação de proteção do guardião Tranca Ruas. Geralmente ele impedia qualquer espírito de entrar na casa, barrava eles na entrada e aguardava a autorização de um dos dirigentes espirituais da casa para permitir o ingresso. Essa entrada tinha que ser muito bem planejada sendo

necessário por muitas vezes aplicar passes magnéticos e uma defumação de determinadas ervas que produziam um sono prazeroso em todos eles. Em um estado quase sonambúlico eles eram conduzidos ao trabalho para serem cuidados no tempo adequado. Existiam outros espíritos que não precisavam ser adormecidos pois não eram perigosos, eram apenas espíritos em sofrimento e o ato de assistir o trabalho conscientes era muito benéfico a todos eles. Pela agitação em que os três espíritos estavam no portão era muito evidente que não poderiam entrar para assistir.

- Teremos que induzir o sono neles porque são espíritos muito endurecidos. Se entrarem assim, vão incomodar o menino de uma tal maneira que ele não conseguirá ficar até o final. Como precisamos vencer o caso desse menino por causa da possibilidade de suicídio não podemos correr nenhum risco nessa noite.

- Faz bem - respondeu Indaiá - eu não costumo ter a paciência que o Caboclo Tupinambá tem com os espíritos viu. Por mim eu adormecia todo mundo e tentava resolver os problemas sentimentais e de conduta depois.

Mas, se paciência fosse o meu forte eu estaria trabalhando na orientação. Eu prefiro ficar por aqui trabalhando com minhas ervas que é com o que me entendo melhor. Com as ervas posso ajudar esses espíritos e encarnados de uma forma que nem eles percebem. Eu encontrei minha felicidade nesse trabalho simples.

- O seu trabalho é fundamental Indaiá. - disse eu.

- Claro que fazer a orientação dos espíritos e dos consulentes é importante, mas se eles não tiverem uma aura passiva, calma e receptiva eles não vão conseguir receber as energias dos guias de trabalho e nem tampouco serem tocados pelas mensagens que ouvirem. Você os prepara para que possam ser tocados pelas energias da Umbanda, o que seria muito difícil se entrassem do jeito que chegam, cheio de fluídos pesados e pensamentos agitados. Às vezes só o seu trabalho aqui na escada já resolve muitos dos problemas que eles trazem aqui.

- Trabalhar com as ervas é minha suprema felicidade, Sete Estrelas. O que eu faço é somente

compreendê-las, amá-las, ouvi-las e misturar suas essências com o poder de purificação das águas de minha mãe Oxum. Cada erva tem um poder espiritual, um poder emocional, um poder mental e um poder físico. E alguns podem pensar que existem segredos monumentais para ativar esses poderes sendo que na verdade basta tratar cada erva como se fosse o que elas realmente são, ou seja, um ser vivo de grande poder. Olha aqui por exemplo - disse ela mostrando o líquido de sua bacia - aqui tem alecrim, arruda, abre caminho e jasmim. O alecrim eu estou usando porque os médiuns da casa estão muito desvitalizados por causa de uma alimentação pavorosa. Essa alimentação não produziu muito ectoplasma e o alecrim doa grande quantidade de energia para que eles possam trabalhar bem. A arruda tenho que usar porque o odor dela impregna o terreiro inteiro, os médiuns e consulentes causando confusão nos inimigos espirituais. Ela também dissolve aqueles bichinhos que ficam pelo corpo energético sugando vitalidade e produzindo energias ruins. A abre-caminho está aqui por causa do consulente que você trouxe e foi um pedido do seu pai.



Essa erva consegue desbloquear os chacras e quebrar energias emocionais que estão prendendo o consulente em uma vida estagnada. O jasmim eu coloquei só porque eu gosto do cheiro mesmo e também porque produz um grande bem estar em quem sente suas vibrações. Talvez sem o jasmim a gira não seria tão prazerosa sempre.

- Como eu disse seu trabalho é essencial Indaiá e seu conhecimento mais ainda. Quem sabe um dia você não ensina os médiuns dessa casa a despertar os poderes das ervas?

- Eu até poderia, Sete Estrelas, mas sinceramente eu não tenho paciência de ensinar e de fazer essa transmissão de pensamentos. Eu me contento com meu trabalho simples e não tenho pendor de ensino.

- Pensa com carinho. Olha ali! - Alguns médiuns da casa estavam chegando e eu ouvi um xingamento do Exu Tranca Ruas ao ver a situação espiritual de um dos médiuns que tinha chegado. O Exu o xingava pela falta de preparo e cuidado, e assim, pelo trabalho extra que trazia aos guardiões por causa da falta de responsabilidade.

- Acho que não é só o seu consulente que vai dar trabalho para seu pai hoje não. Olha a situação desse médium! - disse a cabocla já preparando uma boa dose de seu líquido para purificar o médium. Quando aspergiu nos demais médiuns a aura deles mudou sensivelmente de cor. Mas quando ela aspergiu o médium irresponsável a aura dele não teve mudança alguma, pelo contrário, escureceu ainda mais. Fiquei muito curioso com o ocorrido e tive que perguntar:

- Indaiá, por que seu preparado não funcionou com ele? Eu pensei que funcionava com todos!

- É raro, Sete Estrelas, mas isso pode acontecer. O médium rejeitou com seu pensamento o meu preparado de ervas. Isso acontece quando ele está vindo ao trabalho com o coração fechado, talvez por obrigação, desejando estar em outro lugar, com completa falta de vontade de estar aqui. Se fosse qualquer outro tipo de sentimento como tristeza ou um pouco de irritação ou algo assim minhas ervas dariam um jeito. Mas esse médium está completamente fechado ao trabalho de hoje e com certeza ele queria estar em outro lugar.

- Que triste! Espero sinceramente que isso mude durante a gira!

O Exu Tranca Ruas gritou meu nome do portão. A essa altura pela necessidade do trabalho eu já estava completamente visível para todos os trabalhadores espirituais da noite:

- Ei, Ô Seu Estrelinha Dourada! Vossamecê não pode me dar autorização pra impedir esses médiuns mal lavados de entrar? Eu já tenho muito o que fazer com meus compadres e esses mal lavados em vez de cuidarem da sua própria vida espiritual só me trazem mais problemas!

- Salve Tranca-Ruas! Você tem toda a razão de reclamar deles porque realmente é dever do médium cuidar de sua vida espiritual em especial na sexta-feira. Mas você sabe que meu Pai acolhe a todos não importa a condição em que se encontrem, de boa vontade ou de má vontade.

- Seu pai tem que rever essa filosofia! - disse Tranca Ruas voltando a conversar e instruir seus irmãos de trabalho. Não posso negar que a reclamação dele tinha

fundamento, mas a Lei da Umbanda que se baseia em Jesus não permite a exclusão por falta de vontade interior. A única forma daquele médium ser excluído seria por sua própria decisão ou por cometer algo muito grave.

## **CAPÍTULO DOIS PREPARAÇÃO**

Quando Márcio entrou no terreiro foi guiado a uma das cadeiras disponíveis por meio de um espírito que desempenha essa função. Como o terreiro é pequeno é possível determinar com antecedência o assento de cada um e assim preparar esse assento com vibrações adequadas a esse consulente. Nenhum assento no terreiro é igual a outro pois em um colocamos determinadas ervas, em outros arcos de pedras com funções específicas, em alguns a equipe espiritual de médicos instala aparelhos estranhos com funções bem interessantes como equilibrar algum órgão do corpo ou produzir determinado sentimento. Naquela noite os assentos estavam bem equipados com os mais variados objetos e atrás de cada um deles se encontrava um espírito pronto para aplicar seus passes e tratamentos enquanto o consulente acompanha os cantos e orações. Em toda gira existe pelo menos um espírito para cada

consulente que aplica seus tratamentos e inspira seus conselhos preparando a pessoa para o encontro com o guia incorporado. Esse atendimento feito pelo guia incorporado é apenas a concretização final de um processo que se inicia muito antes e que conta com o trabalho amoroso de muitos espíritos.

Coloquei-me em meu devido lugar no salão do terreiro para direcionar o pai de santo nos preparativos da gira. Esse é outro papel que meu Pai me deu que é o de aconselhar o pai de santo em todos os detalhes do trabalho da noite para que siga o roteiro determinado pelos dirigentes superiores. Do meu lugar passei a observar todos os pontos de força do terreiro para verificar se tudo estava em ordem e se deveríamos fazer algo a mais para que o trabalho ocorresse com a perfeição devida.

O primeiro ponto que tive que observar era a tronqueira. As energias desse local vibratório no terreiro podem estar ativas ou inativas dependendo de algumas práticas. Durante o trabalho mediúnic de Umbanda todos os elementos da tronqueira precisam estar ativados para

doar a energia necessária para a proteção de tudo o que ocorrerá ali. Observei a tronqueira e tudo estava ativo pois uma forte fumaça acinzentada saía dela e se inclinava para a terra deslizando como nuvens esfumaçadas até a entrada do terreiro ficando concentrada aos pés dos guardiões. Essa fumaça que sai da tronqueira é um fluído denso que é utilizado por esses espíritos para concretizar as mais diversas operações e é chamado por todos eles de fluído negativo. Os espíritos caídos nas trevas usam esse fluído para concretizar a maldade e produzir o horror, mas os guardiões da Umbanda usam esse fluído para proteger o terreiro. Vi o Tranca Ruas erguer suas mãos juntamente com mais dois guardiões e a fumaça foi subindo e se adensando formando uma espécie de nevoeiro escuro na frente do terreiro e pelas ruas da vizinhança. A explicação desse fenômeno e de suas questões pode ficar para outro momento pois o objetivo dessa obra está em outra direção.

Após observar a tronqueira e seu fluído passei a observar as defesas astrais nos arredores do terreiro. Ao redor da Tenda subia um muro de pedra acinzentada

grossa de mais ou menos quatro metros de altura. Em cima de cada aba do muro havia muitas chamas como fogueiras e velas marrons acesas para a sustentação da proteção do terreiro. Essas muralhas foram construídas por espíritos ligados às vibrações de Xangô que conseguem manipular a pedra com muita facilidade e cristalizar essa proteção ao redor de todos. No plano físico essas muralhas recebem energia por meio de inúmeras velas de cor marrom que sempre são acesas e emitem seus fluídos para fortalecer essa construção astral. Ela também é alimentada pela firmeza da corrente e pode enfraquecer ou se fortalecer dependendo da mentalidade e da atitude dos membros da corrente.

Tudo estava em ordem nessas muralhas e passei então a observar os pontos de força presentes na sala de vibrações. Nela se encontravam diversos objetos emissores de energia incluindo alguns com processos de magia esotérica poderosíssimos. Observei os assentamentos vibratórios e não era possível olhar para eles diretamente pois emitiam uma luz que afetava a sensibilidade de meus olhos. Cada um dos assentamentos



emitia uma luz da cor correspondente ao orixá que nele habitava e a fonte dessa luz não vinha do plano astral mas sim dos planos divinos com mistérios que eu ainda não consegui acessar. Em minha observação vi que o último assentamento estava emitindo uma luz mais fraca e era até possível olhar um pouco pra ele. Concentrei-me no pai de santo e comecei a repetir a frase:

- Verifique o assentamento de Oxumarê! - Como o médium estava um pouco irritado com uma situação que a pouco lhe havia ocorrido demorou dez minutos para que ele recebesse a intuição que eu estava lhe enviando. Ele entendeu e se dirigiu ao assentamento cuja quantidade de água estava insuficiente e muito menor do que os outros. Além disso já fazia três semanas seguidas que esse assentamento não recebia nenhuma vela o que baixou a vibração das energias que ele poderia emitir. O pai de santo fez uma oração, colocou mais água, balançou o adjá e algo passou a ocorrer no assentamento. Como se alguém tivesse manipulando um botão de intensidade a luz multicolorida passou a se fortalecer até o ponto de ninguém do plano astral conseguir olhar com conforto. Os

assentamentos vibratórios estavam alinhados e era dali que os guias espirituais iriam retirar todas as energias que precisassem para auxiliar os consulentes. Firmei-me no compromisso de estudar mais a fundo os assentamentos pois eram objetos de altíssima vibração ligados por meio de algum mistério aos planos divinos e eram poderosos emissores de energia divina. Essa energia emanada do plano divino é tão potente que no planeta terra poderia ser comparada à energia nuclear em relação à energia elétrica onde as energias do assentamento são a energia nuclear e as energias astrais seriam a energia elétrica.

Estava tudo em ordem com as energias ativadas, espíritos já trabalhando os consulentes que haviam chegado e alguns recitando mantras sobre o salão para elevar o padrão vibratório. As energias do salão estavam prazerosas e harmonizadas para o início dos trabalhos mas duas médiuns se acercaram uma da outra e passaram a conversar sobre um fato da semana gargalhando de forma escandalosa e estridente. O assunto não era relacionado a nada de baixo teor vibratório, mas mesmo assim foi o suficiente para produzir

um distúrbio no nível vibratório do salão de trabalho. Mais ou menos três espíritos orientais trabalhavam já há uma hora na elevação do espaço de trabalho e ficaram desapontados pelo distúrbio provocado. Percebendo isso enviei nova intuição não só ao dirigente, mas também ao pai pequeno, mãe pequena e cambone. Os três receberam a intuição e perceberam imediatamente a situação, mas não seguiram o que eu inspirei e deixaram que elas continuassem conversando. Quando enfim o sino foi tocado anunciando o início ritualístico da gira elas pararam de conversar e todos começamos a se concentrar para a gira que ocorreria aquela noite.

Conforme a determinação da doutrina os médiuns se sentaram para meditar e todos nós, com exceção dos guardiões e outros espíritos com funções específicas, também nos sentamos para o mesmo exercício. Todos nós meditamos de acordo com os ensinamentos do Guru do Oriente e nesse momento todos os espíritos param o que estão fazendo, se sentam, e praticam a meditação conforme as determinações do pai de santo. Um dos momentos mais fortes do trabalho ocorrem durante esse

processo, por meio da entoação de mantras, onde unidas às vozes dos encarnados se juntam as vozes de todos os espíritos trabalhadores da noite, que recitam o mesmo mantra produzindo grande quantidade de energia de elevação no ambiente. Imagine você mais ou menos trezentas vozes recitando o mesmo mantra em completa sintonia com os encarnados do terreiro produzindo uma vibração muito poderosa. O mantra é um instrumento de muitas funções, e, quando bem usado, pode produzir até mesmo verdadeiros milagres.

Enquanto os médiuns se dedicam a visualizar os seres divinos e suas luzes podemos ver o surgimento de muitas imagens diferentes no solo astral do terreiro. Os médiuns mais concentrados fazem surgir no solo do terreiro o cenário que estão visualizando e até mesmo uma imagem astral do ser divino que estão visualizando.

Essas imagens surgem no terreiro ao redor do meditador e imediatamente começa a descer do alto fluídos elevadíssimos ligados ao ser divino mentalizado. Esses fluídos começam a rodear a aura do meditador e a entrar no organismo energético dele por meio da

respiração concentrada. O efeito de se respirar esse fluído é muito forte e é possível ver os canais de energia do corpo etérico dos meditadores brilharem à medida que eles inspiram esses fluídos.

Quanto mais concentrados estão na frase que repetem na meditação, mais o chacra coronário brilha, formando mesmo que momentaneamente uma aura luminosa ao redor da cabeça. Quanto mais concentrado o meditador estiver, maior a luz que sua aura e seu corpo absorvem dessa meditação. Ao final é possível ver a imagem astral do ser divino, carregada de fluído descido dos planos superiores se unindo ao corpo energético do meditador, o que produz uma espécie de explosão de luz na aura que brilha como um relâmpago por pouco segundos fazendo o centro do peito, da testa e do umbigo brilharem com muita força e a aura se expandir bastante.

O terreiro fica iluminado como se fosse de dia e o Sol estivesse ali dentro. Esses efeitos são alcançados pelos meditadores mais concentrados pois os meditadores dispersos no máximo conseguem produzir uma faísca por meros dois segundos. Para esses a meditação só serve

como treino para que talvez no futuro possam ter um desempenho melhor.

O efeito que eu descrevi referia-se à meditação dos encarnados pois o que ocorre com a meditação dos espíritos é de uma ordem ainda mais bela e impressionante. Os espíritos meditando são como pequenos sóis emitindo luz, e suas vibrações ficam tão elevadas que por vezes eles se tornam esferas radiantes de luz e não conseguimos mais reconhecer a forma que estão apresentando. Ao redor deles vemos as mais belas paisagens da Natureza e vibrações divinas bem como formas de deuses e anjos surgindo e dando bençãos. A meditação é uma prática que fortalece muito a elevação do terreiro e é uma das partes da gira que nós espíritos mais amamos e veneramos. Por essa prática agradecemos muito o Guru que nos atraiu e nos ensinou a realizá-la.

Na área dos consulentes estão os encarnados, os espíritos trabalhadores e os espíritos em processo de obsessão que tiveram sua entrada permitida. Após a meditação, um guardião entra com a fila de espíritos em sonambulismo induzido, onde alguns estão apenas em

grande estado de calma induzida e mantem a consciência em funcionamento. Eles entram no recinto nesse momento para serem expostos à mensagem do Evangelho de Jesus que será lido e refletido na presença de todos. Esse momento é muito esperado por todos os espíritos pois ouvir o Evangelho de Jesus é sempre a ocasião de compreender um aspecto novo de sua mensagem. Se na Terra enquanto encarnados conseguimos compreender aspectos do Evangelho que nos iluminam, imagine como espíritos, quando novas luzes de compreensão despertam em nós! Por esse motivo ouvir o Evangelho é sempre uma surpresa agradável e iluminadora a todos nós, e todos os espíritos ouvem em silêncio meditativo aguardando as luzes que irão surgir em nós.

O dirigente lê o Evangelho e imediatamente seu chacra coronário começa a vibrar abrindo para ele a compreensão espiritual do que ele está lendo. Não existe a necessidade de um espírito inspirar as palavras do dirigente e de nenhuma outra pessoa que se debruçará sobre o Evangelho, pois todos possuem dentro de si a

Presença de Deus e é com essa sabedoria interior que o Evangelho é lido e interpretado. A Presença de Deus inspira as palavras e não um espírito desencarnado e isso torna esse momento um tanto especial e sagrado. Nesse ponto é bom salientar uma crença que os médiuns possuem e que não deve ser considerada, e se trata de atribuir tudo o que produzem de belo e elevado ou toda pregação sobre o Evangelho de teor elevado aos espíritos. Oras, o médium também pode produzir preleções elevadas pois possui dentro de si o Ori, o Cristo Interior unido a Deus que também possui sabedoria inesgotável e por isso também existe sabedoria dentro do médium que aparece diante do Evangelho e de suas luzes poderosas.

Os espíritos em sofrimento ouvem tudo e se comportam de formas bem diferentes. Uns ouvem com impaciência, outros reclamam, outros choram, outros riem e isso é extremamente natural pois cada um desses espíritos vem de uma realidade única. Os espíritos em estado de sonambulismo ou calma induzida em sua maioria só recebem as vibrações das palavras do Evangelho que simplesmente por serem pronunciadas já



atingem a consciência de alguma forma. Alguns raros espíritos em estado de calma induzida, por possuírem um intelecto mais aguçado prestam a atenção e esboçam as mais variadas reações.



## **CAPÍTULO TRÊS INTERFERÊNCIA E ORAÇÃO**

Todos os médiuns e presentes passaram então a cantar a Olodumare saudando o criador do Universo. O que ocorre nesse momento sempre me surpreendeu pois estão presentes ali espíritos de diversas tradições espirituais e de diversas localidades do Mundo e do tempo. Observei as entidades presentes e todas passaram a saudar a Deus no nome como o chamavam e de acordo com os ritos de suas religiões de origem. Vi uns caboclos soprando fumaça para a alto que é a forma como saudavam o Criador em suas tribos, vi orientais se prostrando por terra cantando mantras a Brahma, vi tibetanos se curvando diante do que entendem ser a Realidade Superior, vi padres, frades e freiras fazendo o sinal da cruz e uma genuflexão, vi entidades ligadas diretamente ao culto de orixá tocando o solo em sinal de grande respeito. Sempre fico profundamente emocionado vendo isso, pois é o símbolo da evolução religiosa da humanidade onde todas as religiões veneram Deus em

união respeitando suas diferenças em um espírito de fraternidade universal. Depois de cada espírito saudar seu Deus Supremo todos passam a cantar juntamente com os médiuns os pontos escolhidos para saudar Olodumare.

Percebi nesse momento o tratamento que um espírito japonês estava aplicando em Márcio que estava se sentindo visivelmente relaxado. Esse espírito sempre está presente na gira por possuir forte ligação com o Pai de Santo e sempre é devotado ao trabalho rezando e aplicando vibrações com as mãos em muitos dos consulentes que ali se encaminhavam. Naquela sexta ele ficou encarregado de cuidar de Márcio produzindo uma melhoria de sua mente que sempre tendia ao desespero e à tristeza. Esse espírito oriental se chamava Daijo e sua especialidade era produzir otimismo e alegria no coração de qualquer pessoa, por mais complexo que estivesse o interior delas. Daijo se colocava atrás de Márcio com as mãos ao lado de suas orelhas, se mantinha de olhos fechados, repetindo uma oração em língua japonesa que provocava grande bem estar no consulente, que sentia surgir em si uma esperança, uma gota de luz.

Enquanto eu observava esse tratamento percebi que Daijo abriu os olhos e franziu a testa como se tivesse percebido alguma alteração nas energias de Márcio. Daijo olhou para a esquerda onde estavam os espíritos em estado sonambúlico, e viu que um deles, que tinha vindo com Márcio, estava olhando fixamente para o consulente com olhos de raiva e ódio. O espírito não conseguia se movimentar até Márcio, mas conseguia manter a mente concentrada para influenciá-lo. Pelo que pude observar, esse obsessor tinha uma vontade forte e uma ligação muito profunda com Márcio, pois o que o ajudou a recobrar a consciência foi exatamente o bem estar do consulente. Aproximei-me de Daijo para ajudar no problema enquanto um guardião se acercava do obsessor.

- Salve Daijo! O que está havendo? - perguntei.

- Salve Sete Estrelas! - disse ele apertando minha mão com o cumprimento de benção. - Estou trabalhando para aumentar a quantidade de sentimentos positivos nesse rapaz e estava funcionando bem. Só que de repente comecei a ouvir uma voz atordoada que dizia "fuja daqui, fuja daqui, fuja daqui". Aumentando mais minha

sensibilidade percebi que uma parte da energia que estou doando a esse rapaz está indo para esse obsessor e ele acabou melhorando de seu estado de sonolência. Essa transferência de energia do rapaz para o obsessor não era o esperado.

- Isso é um problema - disse eu. - Essa transferência de energia involuntária ocorre quando o processo de obsessão está em processo de simbiose, onde o encarnado e o desencarnado trocam energias entre si para se manterem aparentemente estáveis. A ligação entre os dois é tão forte, tão longa e tão próxima, que tratar de um é tratar de outro. Teremos que começar o tratamento desse obsessor agora mesmo se não ele vai perturbar nosso trabalho sobre Márcio.

Realmente já dava pra perceber que Márcio estava começando a se alterar. Ele observou uma das médiuns da casa que ele conhecia e passou a se recordar de fatos do passado que já o estavam levando novamente ao processo depressivo. Fui até o Caboclo Pantera Negra, que estava próximo à entrada do terreiro postado ao lado

do Senhor Ogum Sete Ondas, para pedir um favor de auxílio.

- Pantera Negra, salve! Ogum Sete Ondas, salve! - chamei Pantera Negra a um canto, para não atrapalhar a concentradíssima vigília que Ogum Sete Ondas fazia observando os detalhes do trabalho como o verdadeiro soldado que era.

Pantera Negra era um caboclo bem mais alto que eu e devia chegar aos dois metros de altura. Seu penacho era feito de penas pretas e brancas e seu saiote aparentava ser feito de pele de onça pintada. Sobre as costas trazia uma pele completa de pantera negra com duas patas sobre os ombros e as outras duas amarrada à cintura. O rosto da pantera com a boca aberta estava presa nos cabelos do caboclo de forma que o focinho dela ficava por baixo do penacho visível em sua testa.

- Pantera Negra, preciso de seu auxílio de socorro sobre um dos obsessores do trabalho. Ele despertou do sono, está roubando energias do consulente e causando distúrbios nele. Não podemos tirá-lo daqui porque ele e o consulente estão em processo de simbiose e se o

separamos a uma grande distância do consulente este passa a ficar mal e incomodado.

Pantera Negra assentiu com a cabeça e o levei até o obsessor. Ao ver o Caboclo o obsessor arregalou os olhos de medo pois a presença astral de Pantera Negra era realmente impressionante e só de ele se aproximar de um espírito mal intencionado ele já provocava terror. O caboclo passou a bradar de forma rítmica olhando fixamente o obsessor e esse brado fez com que nossos ouvidos vibrassem com sensibilidade. Quanto mais bradava, mais o obsessor parecia se enfraquecer e se atemorizar, e assim ia se encolhendo no chão. O Caboclo batia seu pé no solo cortando momentaneamente a ligação do obsessor com o consulente, para que o medo do obsessor não reverberasse no consulente. Pantera Negra conseguia fazer isso com maestria, pois conseguia trabalhar os elos de ligação entre os obsediados manipulando as reverberações. Mesmo assim o consulente sentiu uma onda de medo surgir em seu coração, mas em tom bem menos intenso do que se estivesse sem a ação do caboclo.



- Vou ter que ficar aqui até o consulente ser atendido. - disse Pantera Negra. Concordei com a cabeça autorizando que ele ficasse ali. Na ausência de meu pai sou eu quem comanda os trabalhos e para se alterar a posição fixa de um só espírito que seja é necessário que se tenha autorização. A organização por meio de hierarquia e comando não é feita porque nos orgulhamos de comandar ou para aumentar nossa vaidade, mas sim porque todo trabalho de umbanda é uma ação estratégica e cada peça tem um valor essencial no posto em que se encontra. O espírito que chefia o trabalho precisa estar consciente das possíveis consequências que podem surgir após a alteração do posto de uma entidade. Como Pantera Negra é um grande espírito de auxílio na proteção do terreiro pedi que se posicionasse em seu lugar o Caboclo Rompe Mato que possui ligações vibratórias com Ogum e Xangô. Rompe Mato se posicionou no posto de guarda ao lado de Ogum Sete Ondas e fiquei tranquilo novamente sobre esse posto. Nesse momento um dos erês mais grandinhos com seu estilingue perigoso e uma

espada de São Jorge na mão se aproximou, me cutucou e perguntou:

- Tio, por que o senhor não me coloca ali no lugar do Pantera? Eu não sou tão pequeno que nem os outros eu posso ficar ali. Deixa por favor!

Olhei com muito amor o erê em sua boa intenção.

- Joãozinho, você sabe o significado de cada uma dessas posições?

- Eu sei tio, é brigar com os "coisa ruins"!

- Mais ou menos, Joãozinho. O posto ocupado pelo Senhor Ogum Sete Ondas é um posto de ataque. Quem fica ali precisa estar atento para qualquer movimentação estranha dentro do terreiro e ao perceber isso precisa agir imediatamente. Por isso esse posto é ocupado por um espírito da linha de trabalho dos Oguns. Eles dedicaram a vida a estudar as artes de guerra para proteger suas nações de quem queria lhes fazer mal. Agora nas forças da Umbanda eles usam esse conhecimento para proteger todos nós dos espíritos que querem nos prejudicar. O posto do lado dele é chamado de Posto de Afastamento e quem se posiciona ali precisa

aumentar a força de guerra do terreiro produzindo uma energia de fortaleza e terror a todo espírito de má intenção.

- Eu não entendi esse segundo posto, tio.

- Vou te explicar melhor. Quando um espírito de trevas quer atacar um terreiro ele vai tentando uma aproximação lenta e gradual. O espírito trevoso tem meios de sentir a energia e a força do terreiro pra verificar se o lugar é fraco ou forte. Quem ocupa esse posto de afastamento faz com que sua aura pessoal de força vibre na aura do terreiro e quando um espírito ruim tenta sentir a força do terreiro sente a força dessa entidade. Então quando um espírito analisa a energia do terreiro com intenção maligna ele sente a aura de quem está nesse posto que geralmente é a do Pantera Negra. Com seus brados o Pantera Negra emite uma espécie de mantra de guerra que causa um terror nos espíritos de trevas. Quando um espírito analisa a aura do terreiro e sente a presença das energias emitidas pelo Pantera Negra se apavora e acaba desistindo. Alguns passam a armar

planos mais elaborados para vencer esse posto, mas isso já não é assunto de criança. Vai pro seu lugar, vai!

O erê retornou a seu posto junto com as outras crianças espirituais. Vi ele correr até o jardim plasmado pelos pretos velhos no canto direito do terreiro para prosseguir na oração do rosário. As crianças ficavam aos pés de uma preta velha sorridente e de elevadíssima vibração entoando as ave marias e cantando músicas devocionais. Junto com Joãozinho estava o pequeno Luizinho, Mariazinha e um erê que se apresentava como Luquinhas. Concentrei-me por intuição no Luizinho que rezava sua ave maria enquanto brincava sorridente com uma bola azulada e no instante de um segundo vi um homem de vestes azuladas e um colar formado por sete voltas de pedras também azuladas. O homem estava de costas para mim e trazia um turbante lilás na cabeça de onde emanava uma espécie de aura também lilás. Parece que ele percebeu que eu o estava observando e quando ele ia virar o rosto para minha direção ele já era o Luizinho novamente se apresentando como um menino com aparência de dois anos de idade, sentado no solo,

pele morena clara, vestindo um macacão infantil azul e um boné azul com uma pena branca em cima. Luizinho me olhou com um grande sorriso e eu sorri de volta com grande respeito reparando nos olhos profundamente azuis do erê. Inclinei minha cabeça em respeito a ele reconhecendo que por trás daquela criança brincalhona e doce estava um espírito de alma antiquíssima de locais espirituais tão altos que não consigo nem imaginar. Existem erês que são espíritos da natureza de comportamento infantil, mas existem erês que são dessa natureza diferente, ou seja, são formas astrais escolhidas pelos espíritos de planos superiores ao Astral para se manifestarem no plano astral. Na Umbanda temos o engajamento de espíritos que vem de locais superiores onde os espíritos já não possuem um corpo astral e por isso, quando precisam descer para trabalhar, eles precisam criar para si um corpo astral para se manifestarem pela mediunidade dos trabalhadores. Seja lá qual for o espírito que está por trás do Luizinho foi esse o processo que ele usou e ao precisar descer escolheu a forma dessa meiga criança. Por uma permissão de Deus

eu consigo ter vislumbres de planos espirituais acima do meu, assim como vocês podem ter vislumbres do plano espiritual acima do de vocês, e nesse momento onde a concentração da gira é muito grande, eu consegui ter um vislumbre da realidade espiritual por trás do Luizinho. Pela cor da aura de sua cabeça o espírito devia ter pelo menos três mil anos de presença no plano espiritual superior, então imagine quanto conhecimento podemos ter se conseguirmos nos sentar um pouco com ele e fazer algumas perguntas sobre a realidade de seu ser? Mas até mesmo para nós ele só se manifesta na forma dessa criança e com ele nessa forma não costuma dar detalhes de sua realidade espiritual. Que exemplo mais sublime de humildade nos concede esse espírito, quando podendo nos humilhar a todos com sua verdadeira aparência, resolve aparecer diante de nós como uma pequena criança!

Luizinho percebeu que uma senhora presente entre os consulentes encarnados começou a chorar copiosamente. Ele pediu autorização à sua avó ali presente e engatinhou rapidamente para a senhora que

chorava sem parar. O erê subiu no colo dela com a ajuda de Daijo que parou o que estava fazendo para auxiliar o erê. No colo da senhora, Luizinho passou a acariciar o seu rosto dando gostosas gargalhadas e logo deu um profundo abraço na senhora, produzindo nela uma lembrança da segurança que tinha com o abraço de seus pais. O choro foi parando pouco a pouco até cessar completamente, mas Luizinho resolveu ficar ali abraçado com a senhora até que ela fosse atendida pela entidade incorporada.

Quando voltei ao meu posto o pai de santo estava convocando todos para a oração que é outro momento de grande importância. A oração é um dos maiores instrumentos de elevação do pensamento que um médium e um espírito podem usar para elevar suas mentes a Deus. No mundo material não é possível observar os efeitos energéticos da prece, mas no mundo astral a prece sempre é imediatamente respondida pelos planos superiores. Observei cada médium para ver os efeitos sutis da oração do Pai Nosso, que era rezada com devoção e concentração por alguns, mas com desleixo e

desatenção por outros. Um médium antigo da casa estava de olhos fechados e mãos elevadas orando com tanta devoção e entrega que sua aura pulsava como se estivesse emitindo ondas. Assim que ele rezou o amem do Pai Nosso, começou a cair sobre ele gotículas de luz, como se fosse uma fina chuva de verão que entrava pelo centro de sua cabeça. Em compensação eu também estava observando um outro médium, aquele que chegou ao terreiro com o coração fechado e o que vi foi ainda mais surpreendente. Esse médium estava rezando de olhos abertos, mãos levantadas de forma forçada e pensando em qualquer outra coisa menos em Deus. Quando ele rezou o amém a mesma chuva de luz começou a descer sobre ele, mas ao chegar perto da aura do médium as gotículas se evaporavam sem conseguir entrar no sistema energético dele. Essa observação fez com que eu percebesse que Deus em sua bondade e compaixão sempre ouve nossas orações e derrama sobre nós suas vibrações em resposta a toda oração. Porém, se o que falamos com os lábios não condiz com o que



pensamos e realmente desejamos, sua graça materializada em gotículas de luz evapora.

Sobre o dirigente do trabalho o efeito da oração é belíssimo de se observar pois ele, juntamente com o guia chefe, organiza as energias do trabalho. Ele estava concentrado, de olhos fechados e com as mãos abertas para o alto em sinal de súplica e receptividade. O Senhor enviou sobre ele uma coluna de gotas mais volumosas de chuva luminosa que caíam sobre ele e se espalhavam sobre todos os presentes influenciando de uma forma ou de outra a todos os que estavam no local. Essa chuva luminosa mais intensa não é o resultado somente da concentração do pai de santo, mas sim o resultado final da oração de todos os membros da corrente, consulentes e entidades espirituais. As gotículas luminosas sempre são a resposta dos planos divinos a quem recita a oração do Pai Nosso com fé e concentração, e eu observei esse fenômeno em diversos trabalhos religiosos de que pude participar. As entidades presentes, não importando o caminho de que fazem parte, rezam em uníssono com os médiuns a oração que é devidamente chamada de

oração Universal pois pode congrega r fiéis de qualquer religião.

## **CAPÍTULO QUATRO**

### **DEFUMAÇÃO E ATAQUE**

Quando o pai de santo anunciou a defumação bradando seu característico "Salve o cheiro!" ouvi um forte estrondo vindo das portas do terreiro e vi Ogum Sete Ondas dar seu grito de guerra que ecoou por todos os lados. Isso só podia significar uma coisa: O terreiro estava sob ataque espiritual. Ogum Sete Ondas saiu correndo para a entrada do terreiro e de postos ocultos da casa saíram mais seis entidades da linha de Ogum para batalhar em prol do terreiro tentando evitar qualquer perturbação. Em casos como esse, em que a gira sofria uma tentativa de ataque no meio de suas atividades, seu Ogum Sete Ondas se responsabilizava por liderar a resposta de guerra a seja o que for que estivesse ocorrendo.

O pai de santo acendeu seu turíbulo de ervas enquanto os cânticos devocionais de defumação começaram a ser entoados pelos filhos da casa. Quatro

espíritos vestidos de mantos brancos e capuzes se postaram ao lado do dirigente e do pai pequeno responsável pela defumação, para auxiliar a limpeza espiritual do ambiente e dos membros da corrente. No turíbulo as ervas começaram a soltar seus componentes astrais que irradiava no ambiente uma fumaça muito mais forte do que a que é vista no mundo material. Cabocla Indaiá também ia acompanhando o dirigente e depois o pai pequeno em sua caminhada de defumação e diante de cada médium, caso fosse necessário, ela acrescentava uma erva especial para alterar a composição vibratória da defumação. Após a defumação material cada membro recebia a defumação do turíbulo de uma das entidades de manto branco que trabalhava sobre os corpos mais sutis do membro. Do turíbulo dessas entidades que são de origem oriental saía uma finíssima fumaça extremamente branca que tinha o comportamento de se manifestar no ar em espiral. A fumaça saía em espiral e envolvia os membros da casa com correntes elevadas de uma força desconhecida.

Enquanto a defumação prosseguia e seus maravilhosos aromas se espalhavam pelo ambiente material e astral resolvi ver como estava a situação nos portões do terreiro. Quando lá cheguei vi que a rua estava ocupada por uma horda de espíritos com mais ou menos cinquenta entidades trevosas. A horda estava do outro lado de uma esquina do terreiro e pelo visto não conseguia atravessar uma série de pontos riscados no solo contendo velas pretas e vermelhas. Os espíritos usavam em sua maioria trapos de roupas e traziam nas mãos espadas, paus, facas e outras possíveis armas. À frente dessa horda estava o chefe e alguns outros espíritos de destaque que não usavam trapos, mas sim ternos pretos que contrastavam muito com a situação dos outros espíritos do grupo.

Espalhados pela rua na frente do terreiro estavam nossos amados amigos guardiões e Oguns em formação de guerra. À frente, fazendo oposição ao chefe da horda, estava Sete Ondas com suas espadas levantadas, reluzindo diante das luzes celestiais que se irradiavam pelo céu da Tenda, produto da defumação que ocorria lá

dentro. Atrás dele estavam as seis entidades Oguns, três de cada lado, também com as espadas levantadas e prontos para a batalha se houvesse. Atrás de todos os Oguns os guardiões com seus tridentes bem firmes no solo faziam a mesma posição com Tranca Ruas à frente e três exus de cada lado do guardião. O Ogum Sete Ondas é a entidade responsável por comandar as ações de guerra do terreiro, mas ele assume a ação real apenas quando os espíritos atacantes são de ordem mais sociável e ainda podem ter esperança de reforma moral. Os Oguns conseguem batalhar sem produzir danos terríveis aos espíritos desordeiros de forma que possam tentar um diálogo ou uma melhoria depois. Caso percebam que os espíritos envolvidos são de ordem mais agressiva e pertencem a camadas mais profundas do Plano Astral negativo, então eles passam a ação para os guardiões que são os únicos que conseguem manipular o fluído negativo da magia negativa.

Ogum Sete Ondas estava falando com sua voz austera e alta:

- Vou perguntar mais uma vez: Qual o objetivo dessa desordem nas dependências astrais da Tenda de Umbanda Sagrado Coração de Jesus?

O espírito de terno preto que chefiava a horda não parecia estar muito satisfeito com toda aquela situação, pois eu percebia uma gota de suor em sua testa. Ele trazia na mão direita uma espécie de papel amarelado e dobrado que ele fez questão de desdobrar diante do Ogum.

- Meu nome é Quimbas, e eu tenho aqui um documento que comprova que um dos consulentes dessa gira me pertence. Ele foi consagrado ao meu superior pela sua mãe quando tinha cinco anos de idade em um ritual. Esse papel foi assinado pela mãe enquanto estava desdobrada no sono.

- Explique essa história direito, desordeiro! - vociferou Ogum. - Que consagração é essa e quem é o seu superior?

Quimbas esboçou o primeiro sorriso e tentou dar um passo em direção aos pontos riscados de proteção. Com esse infeliz passo, o espírito levou uma espécie de

descarga elétrica vinda do solo, que o fez ser atirado para trás onde caiu de costas e ficou estremeando como se tivesse tido um ataque de epilepsia. Com a luminosidade produzida, eu vi o Exu João Caveira sentado bem na linha dos pontos riscados, com o corpo metade para o lado desprotegido e metade para o lado protegido. Esse exu dava um pouco de calafrios até mesmo em seus companheiros guardiões, então imagine o efeito que sua visão me causava. Ele estava sentado com as pernas cruzadas diante de uma espécie de panela de metal com um líquido fumegante que ardia em cima de uma fogueira. Ele usava um manto preto e um capuz que tapava completamente seu rosto, o que nos impedia de vê-lo por causa do fluído que se espalhava pela rua. Ao redor de sua fogueira havia sete incensários esculpidos no que parecia ser ossos de braços humanos e de onde subia a fumaça de seus incensos. Ficou muito claro nesse momento que João Caveira era o responsável pelos pontos riscados de proteção ocultos na rua diante da Tenda, e que com seus conhecimentos em magia ele sustentava esses pontos para evitar ataque de hordas



pesadas. A única parte da entidade que dava para ser vista era sua mão completamente esquelética, que mexia com uma colher de pau o líquido fumegante. Após o lampejo as trevas voltaram a atuar e a entidade sumiu nas sombras.

Usando sua força de vontade e suas artes energéticas trevas o espírito recuperou seu estado natural, se levantou, tirou a sujeira de suas roupas e mostrou novamente o papel a Ogum sem dar mais nenhum passo.

- Como eu dizia - disse sem esconder a humilhação que estava sentindo - esse documento comprova que um dos consulentes presentes no trabalho espiritual de vocês pertence ao meu superior. O nome de nosso escravo é Márcio, e por uma atitude completamente desrespeitosa da parte dessa instituição, vocês resolveram trazê-lo a esse local. Como esse rapaz nos pertence, o correto seria pedir autorização para o dono dele, que é o meu superior.

- E me diga, desordeiro - disse Ogum - Quem o seu superior pensa que é para se sentir proprietário de um filho do Altíssimo Deus?

- Não sei que tipo de instituição umbandista vocês acham que são, mas presumo que tenham pelo menos um pouco de instrução sobre as leis do Mundo Astral. Também acredito que devam ter pelo menos um pouco de instrução sobre esse tal Deus Altíssimo que parecem servir. Caso tenham, vocês devem saber que cada espírito possui a liberdade de se fazer escravo de quem quiser, de trabalhar para quem quiser e de fazer contratos com quem quiser. Esse é o tal do livre arbítrio, que dizem ter sido criado por esse tal de Deus Altíssimo. Além disso, os contratos espirituais possuem mais valor do que os contratos físicos, pois podemos exigir sua concretização diante de qualquer poder e de qualquer instituição, seja de que ordem for, seja de que religião for. Eu tenho um contrato assinado pela mãe de Márcio e vocês não podiam ter trazido esse rapaz aqui sem antes ter pedido autorização para meu superior. Caso vocês não o

entreguem por livre e espontânea vontade, nós o tomaremos à força.

Ogum deu um passo em direção à horda o que fez com que todos os espíritos trevosos se sobressaltassem de susto.

- Escuta aqui, desordeiro. Seja lá qual for a natureza desse seu contrato espiritual, você acabou de proferir argumentos contra si mesmo. Não sei de que instituição você faz parte e nem que tipo de qualidades seu superior pensa que possui, mas também presumimos que vocês tenham o mínimo de conhecimento para saber o que vou agora expor. O livre arbítrio usado para concretizar esse contrato e se pôr debaixo da serventia de seu superior, também pode ser usado para quebrar e desfazer o mesmo contrato. Ninguém é obrigado a permanecer escravo de forças que pensam ter algum tipo de superioridade sobre alguém. Realmente conhecemos as leis dos planos sombrios e sabemos que um contrato espiritual nesses lugares vale mais do que os do mundo físico, e são responsáveis por grandes tormentos aos desencarnados. Porém, pelo estudo que fizemos, também

existe uma outra lei no mundo de vocês que pode ser usada nesse momento para quebrar esse contrato.

- E qual lei seria essa? - questionou Quimbas mostrando em sua face que duvidava da sabedoria do Senhor Ogum.

- Sabemos que no mundo astral negativo um pacto ou contrato espiritual só pode ser quebrado por um contrato com um poder superior ao do antigo contratado. Percebemos que se um espírito de maior hierarquia entre vocês tiver interesse por um escravo de outro de hierarquia inferior esse último é obrigado a cedê-lo. Isso não é verdade, Senhor Quimbas?

- Sim, isso é verdade. - respondeu Quimbas demonstrando novamente sinais de nervosismo. - Mas não vejo em sua instituição nenhum ser que seja maior do que o meu superior para reclamar esse rapaz.

- Percebo então sua ignorância. Eu, Ogum Sete Ondas, informo a você e seu superior que o Supremo Senhor do Céu e da Terra reclama impreterivelmente a propriedade sobre Márcio. Que os poderosos orixás que se manifestam no Universo reclamam a propriedade sobre

Márcio. Que o Rei desse planeta Nosso Senhor Jesus Cristo reclama a propriedade sobre Márcio. - Enquanto Ogum repetia essas palavras as gotículas de luz que vi na oração do Pai Nosso passaram a cair sobre ele tornando sua presença mais bela e luminosa. A armadura que ele vestia passou a reluzir mais e sua aura acendeu ainda mais em uma cor azulada que anunciava a presença dos anjos enviados do alto. Ao avistar esse fenômeno Quimbas e sua horda arregalou os olhos e sob as ordens dele afastaram sete passos para trás, sendo que três membros saíram correndo. Estes que fugiram com certeza sabiam a ação devastadora que o auxílio dos anjos poderia ter sobre eles, e diante das possibilidades, a melhor opção além de se reformar e se converter era fugir. - Deus Altíssimo reclama o espírito de Márcio e, portanto, quebra esse contrato. Os orixás reclamam o espírito de Márcio e quebram esse contrato. Jesus Cristo reclama o espírito de Márcio e quebra esse contrato. Todos esses nomes que eu agora invoquei são maiores que seu superior e, portanto, de acordo com suas próprias leis esse contrato está quebrado. - Enquanto ele falava

sua aura se acendia ainda mais e a aura dos outros Oguns também começaram a se acender no mesmo tom azulado. Um aroma de ferro inundou repentinamente todos os presentes, e por trás da aura de luminosidade azulada passou a brilhar uma aura vermelha e forte, indicando a grandiosa presença de Nosso Senhor Ogum, orixá da proteção e das batalhas. Quando os espíritos da horda viram a luminosidade vermelha, quase a totalidade de membros saiu correndo por conhecerem os sinais da presença do orixá das batalhas, e por conhecerem que não existe a possibilidade de vitória contra Ele. Além do chefe, ficaram apenas mais dois vestidos de terno e mais dois vestidos de trapos, um com uma faca e outro com uma espécie de lança de madeira.

Quimbas sabia que não poderia voltar a seu superior sem resultados, pois sofreria castigos tão ruins quanto os que imaginava que receberia das forças do bem ali presentes. Percebi naquele momento que esse Quimbas foi escolhido como uma peça de xadrez estratégica para apenas fazer o reconhecimento das possibilidades de nossa tenda. Percebi isso porque notei

que ele era ignorante em relação aos sinais de forças espirituais elevadas, e por notar que parecia que estava nos falando um texto decorado. Um espírito mais experiente teria saído correndo ao perceber os sinais de Ogum e dos anjos de Miguel, mas ele não, ele permanecia ali e reunia dentro de si toda a coragem que possuía para continuar seguindo as ordens de seu superior.

- Você sabe que não respeitamos esses nomes que você invocou. Meu superior não respeita os que vem de cima e tampouco se intromete nas questões que vem de lá. Nós estamos dando a vocês a possibilidade de entregar esse rapaz de forma amigável. Não queremos que ele permaneça nesse trabalho, pois ele não foi autorizado a receber atendimento de nenhuma entidade dessa instituição. Se vocês não o entregarem, iremos forçar a entrada. Meus companheiros foram em sua maioria embora, mas temos uma legião debaixo de nosso comando. Ainda hoje e antes desse trabalho terminar voltaremos e nos vingaremos por essa afronta de uma forma terrível, matando o dirigente dessa instituição. Essa é a mensagem do meu superior.

Lá de trás da formação de guerra Tranca-Ruas demonstrando sua irritabilidade e falta de paciência exclamou:

- Oh engomadinho, manda o seu superior se ferrar! Oh espada de aço, podemos terminar logo isso? Eles não são páreos para vocês e está bem fácil terminar esse transtorno. Vocês ficam aí dando espaço pra esse engomadinho falar.

- Acalme-se, Guardião! - disse Ogum. - Realmente não existe a possibilidade de se perder quando temos ao nosso lado o Senhor dos Exércitos, nosso Pai Ogum e os orixás, e o Rei das Santas Batalhas, Jesus Cristo. Porém, esses desordeiros que estão diante de nós também são filhos de Deus e percebi neles a possibilidade de redenção e mudança. Quando observamos somente a vontade do mal e da violência logo partimos para a briga e usamos toda a força que possuímos para proteger nossa casa. Mas quando existe a possibilidade de redenção é nosso dever como trabalhadores da Umbanda estender a nossa mão e salvar nossos irmãos das trevas.



Ogum então voltou sua atenção para Quimbas e seus companheiros.

- Senhor Quimbas, por mais que você nos traga ameaças de morte e violência eu percebo que a Luz e a Razão começam a ter espaço em seu coração. Sei que você deve ter um profundo medo do seu superior e do que ele pode te causar, mas saiba que aqui, debaixo das forças da Umbanda, o único superior é Deus Onipotente que nos governa por meio dos orixás e dos dirigentes superiores. Aqui somos livres para trabalhar pela felicidade da humanidade e nessa religião podemos reparar nossos erros fazendo pessoas mais felizes. Para você, assim como pra mim, a Umbanda é uma porta de redenção. Dediquei minha vida a matar pessoas nas guerras por território do Império Romano e morri em uma batalha na praia. Por muito tempo servi senhores da guerra no mundo espiritual até alguém me estender a mão e me abrir uma porta para a redenção chamada Umbanda. Assim como fizeram para mim no passado eu faço para você agora: Meu irmão Quimbas, abandone o medo e a maldade, abandone as trevas e suas

maquinações. Eu estendo a você a mão da Umbanda para que você faça crescer em seu coração as luzes da paz que já estão germinando.

No meio do discurso de Ogum Quimbas se ajoelhou no chão e começou a chorar desesperadamente e compulsivamente. Ao ver essa vacilação de seu chefe os demais desordeiros saíram correndo. Quimbas chorava como uma criança e suas lágrimas lavavam sua alma que realmente já possuía pequenas sementes do bem em processo de germinação. Ogum atravessou os pontos riscados e estendeu sua mão para Quimbas que não conseguia parar de chorar. Ogum o ajudou a ficar em pé e disse:

- Meu irmão, bem vindo às forças da Umbanda. Em breve te encaminharemos para um lugar de tratamento e aprendizagem. Lá você ficará em uma espécie de contenção renovadora, passará por um tratamento espiritual de purificação e poderá trabalhar sua regeneração. Quando estiver pronto, será chamado ao trabalho. Por hora você poderá nos ajudar a entender e quebrar as artimanhas do seu superior, pois sabemos

que ele não vai desistir com facilidade de Márcio. Vamos, meu irmão, vamos conversar um pouco.

Ogum foi se aproximando da linha de pontos riscados com Quimbas, mas ele se assustou com a possibilidade de levar outra descarga elétrica.

- Não se preocupe, Quimbas. - Ogum se virou para o lugar em que João Caveira estava oculto e disse: - Grande Guardiã João Caveira, eu peço sua permissão para entrar nesse território com o irmão Quimbas. Ele praticou a maldade, mas pede uma chance à Umbanda para sua regeneração.

Das trevas esfumaçadas ouvimos uma voz baixa e sussurrante que disse:

- Por sua conta e risco eu concedo a permissão.

Ogum e Quimbas atravessaram a linha, com Quimbas andando de forma muito vagarosa por causa da dolorosa lembrança da descarga elétrica. Enquanto Ogum se encaminhava para um local onde poderia interrogar Quimbas a voz sussurrante de João Caveira surgiu novamente das trevas e disse:

- Ogum, meu oráculo tem uma mensagem pra você e seus guerreiros.

Ogum parou apreensivo e se virou para o canto de João Caveira perguntando:

- Pode dizer, grande guardião, pois seu oráculo é uma fonte de avisos certos. O que ele tem para nós?

- Os ossos me dizem que antes dessa gira terminar vocês travarão outra batalha. Dessa vez ela será travada com o superior desse rapaz que agora você trouxe para dentro de nosso campo de força. Meu oráculo pede que vocês se preparem, pois talvez dessa vez os nomes de autoridades elevadas da direita podem não ser um consolo tão imediato. Caso vocês falhem, o pai de santo desse terreiro morrerá. Essa é a mensagem!

Ogum assentiu com a cabeça agradecendo a mensagem do guardião.

## **CAPÍTULO CINCO**

### **A HISTÓRIA DE QUIMBAS**

Ogum Sete Ondas levou Quimbas até um espaço diante das portas do terreiro onde o fez se sentar em uma cadeira ladeada por dois oguns em pé.

- Senhor Quimbas, antes de encaminhar você para o lugar de tratamento espiritual e contenção preciso que você nos elucide melhor a situação de nosso consulente Márcio e a situação de seu superior. Márcio será atendido daqui a pouco e nossa equipe continuará trabalhando no caso dele por bastante tempo. Qualquer ajuda que você possa nos dar certamente será muito valiosa, pois pelo visto temos uma entidade maligna para derrubar.

Quimbas olhou para Sete Ondas com um olhar marejado de lágrimas, respirou fundo e disse:

- Eu quero agradecer por essa chance que a Umbanda está me dando. - teve que se controlar para

segurar o choro. - Eu estava muito cansado, eu já não aguentava mais obedecer às ordens dele, manter a pose e me manter em pé executando ordens horríveis. Sim, eu sei que eu fui um ser humano horrível e sei que não sou merecedor de misericórdia alguma, mas eu estava completamente exausto. Por muitas vezes ali quando eu estava conversando com você passou pela minha cabeça me ajoelhar, me render, me entregar. Porém, eu temia que ou vocês me rejeitassem ou que o castigo de vocês sobre mim fosse pior que o do meu superior.

- Ex-superior, Senhor Quimbas. – disse Ogum. - Não se preocupe, você seguirá para um local ligado a essa tenda de umbanda para o que chamamos de contenção de tratamento. Por mais que se chame contenção você só entrará lá por livre e espontânea vontade e jamais por obrigação. Você ficará lá passando por um tratamento de purificação, pois você está repleto de fluídos pesados e grosseiros que te impedem de compreender a faixa luminosa da existência. Lá, você passará por processos curativos, ensinamentos, ritos, vivências e esperamos sinceramente que, passado por tudo isso, você possa se

regenerar e um dia trabalhar pela humanidade. Agora, peço que se concentre e me relate que espécie de contrato é esse que tem em mãos e como ele foi feito.

Quimbas concordou, respirou fundo e começou:

- "Meu superior é chamado pelos seus seguidores terrenos de Exu Sete Encruzilhadas e ele mesmo passou a se denominar dessa forma para afrontar todos os exus. Ele se manifesta em um médium dessa mesma cidade em um lugar voltado para a magia negativa, usando ritos verdadeiros e realmente eficientes. Ele é alimentado regularmente por esse médium com galinhas, pombos e uma vez por ano um bode, e sei que até um boi ele já recebeu de um consulente. Faz muitos anos que ele trabalha com esse médium e por isso ele foi atrelando a esse lugar muitas entidades devotadas ao mal para executar os mais variados trabalhos negativos.

A mãe de Márcio apareceu nesse lugar há anos atrás quando esse menino tinha cinco anos de idade. Nessa época o casamento dela com o pai do menino estava entrando em colapso, ela tinha descoberto uma traição, mas queria que o marido continuasse com ela. O

trabalho que ela pediu para ele foi para que o marido ficasse com ela e nunca mais procurasse a amante, enfim, uma amarração. O problema é que como ela não tinha com quem deixar a criança no momento em que foi ao lugar acabou levando o menino. Ele observou a situação e percebeu a mediunidade do menino, e que poderia usar a energia dele para aumentar ainda mais seu poder no futuro. Ele disse para a mãe que queria o menino para ele por meio de uma simples consagração, e que ele perceberia isso somente quando crescesse. A princípio a mãe fugiu do lugar com o filho pois ficou com medo, mas quando o marido pediu o divórcio ela voltou lá e entregou o filho pra entidade. Foi sacrificado um bode, foi pago o dinheiro e uma foto do menino foi guardada próxima do lugar de poder dele. Em desdobramento ela assinou esse documento entregando o filho a essa entidade. Ao completar seus dezoito anos de idade meu superior foi reclamar o que era dele e passou a perseguir o rapaz produzindo toda sorte de sintomas como depressão, pânico, visões aterradoras, relacionamentos conturbados, conflitos e muitas outras coisas que, ou o levariam ao



suicídio, ou o levariam a se integrar a esse lugar de magia negativa. Das duas formas ele poderia servir ao seu propósito pois como médium ele encheria o lugar de energia e poderia ser instrumento de mais entidades da falange, tendo sido inclusive prometido para um de seus servos mais fiéis como prêmio. Se ele caísse no suicídio a energia advinda dessa terrível escolha também poderia ser usada por ele, e o aprisionamento desse espírito em sua falange também seria de grande proveito por questões que não cabe dizer aqui.

A mãe de Márcio se tornou evangélica como vocês devem saber, e isso impossibilitou que ele continuasse absorvendo coisas dela. O marido dela a largou no mesmo dia em que ela se batizou, pois com esse rito a magia foi quebrada e ele saiu do estado de letargia que a terrível amarração causou nele. A partir do batismo ela se tornou praticamente invisível para entidade que desde então também planeja a destruição dessa igreja evangélica. Hoje, pela primeira vez desde que foi consagrado ele não conseguiu enxergar também Márcio o que o deixou completamente enfurecido. Nenhum dos nossos havia

percebido o movimento de vocês nas cercanias de Márcio por mais que observamos ele conversar sobre Umbanda e começar a conversar com uma umbandista dessa casa. Nós não percebemos o perigo que isso representava, e quando ele pisou aqui dentro do território dessa egrégora meu superior não conseguiu mais sentir a ligação com Márcio e nos mandou aqui. Claro que ele não enviou alguém muito importante, escolheu enviar a mim que ainda não tenho tanta experiência em coisas do tipo. Minha experiência é mais a conversa e a influência mental, já tendo conseguido que pessoas encarnadas cometam crimes terríveis a mando dele. Mas no combate frente a frente eu tenho muito pouca experiência, e por causa de algumas questões onde eu errei com ele, Sete resolveu me enviar como missão de reconhecimento. Eu vim porque os castigos dele são terríveis e diabólicos até mesmo para os padrões da magia negativa. Porém, dentro de mim uma tristeza cada vez maior crescia, uma vontade contínua de chorar, uma tensão que não me abandonava nunca, um peso no meu coração que eu não consigo explicar.

- Quando esse sentimento surgiu em você pela primeira vez, Quimbas? - perguntou Sete Ondas com uma mão no ombro de Quimbas lhe enviando imperceptivelmente uma irradiação que elevava o padrão vibratório lentamente. Essa irradiação de elevação é uma espécie de passe concedido aos espíritos para produzir uma melhoria de seus sentimentos e de seus pensamentos ou para incentivar o que já existe de bom dentro deles.

- Eu comecei a sentir isso depois que eu fui preso pela primeira vez em um terreiro de umbanda. Foi há mais ou menos um ano atrás quando eu estava executando uma missão para Sete Encruzilhadas influenciando uma mulher para que ela se relacionasse sexualmente com o cliente do meu ex-superior. O cliente fez um trabalho para que essa mulher tivesse relações sexuais com ele e eu estava empenhado nesse trabalho. A mulher que era o alvo do trabalho possuía uma certa sensibilidade espiritual o que geralmente facilita o meu trabalho se a pessoa não está afiliada a nenhuma organização. Eu já estava nos três meses de influência e

ela já estava quase sendo vencida, quando uma senhora do trabalho dela percebeu minha presença e a convidou para ir a um terreiro de umbanda. Eu era novo nesse trabalho e ainda não tinha influenciado ninguém que tinha visitado um terreiro, por isso não me preocupei muito.

Quando chegou o dia eu fui com ela, e quando cheguei nas portas do lugar eu fui me sentindo estranho, leve, em paz, algo diferente. Eu via que outros iguais a mim fugiam assustados e outros paravam sentindo a mesma sensação pacificadora, outros entravam em batalha e outros eram aprisionados pelos guardiões. Eu fui apagando e apagando e meio que adormeci. Quando abri meus olhos eu estava dentro do ritual religioso e sete indígenas me rodeavam, eu estava preso ao corpo de um médium e fiquei muito assustado com aquilo porque nunca tinha passado por isso. Um dos indígenas se destacou dos outros e começou a me interrogar, e uma encarnada começou a conversar comigo também. Eu não consegui me mexer direito porque estava muito debilitado, como se uma fraqueza tomasse conta de mim. Eles começaram a me irradiar uma energia luminosa que

a princípio desaparecia no ar antes de entrar em contato com minha pele, mas em um pequeno momento quando surgiu em minha mente a lembrança de minha mãe já quase desaparecida há muito tempo, um pequeno raio dessa energia encontrou passagem. Eu senti como que uma estranha descarga elétrica dentro de mim que me causou uma náusea, como se algo que estivesse em meu estômago me fazendo mal quisesse sair. Eu nunca passei tão mal como naquele aprisionamento durante aquele trabalho religioso.

Os indígenas estavam fazendo suas orações e o encarnado do lado doava aquela fumaça leitosa com o qual eles me prendiam. De repente, o ajudante encarnado começou visivelmente a se distrair com a beleza de uma consulente que havia visitado o terreiro no meio do processo de prisão em que eu me encontrava. Com essa falha do ajudante eu me libertei das amarras e do médium a que eu me encontrava unido, e saí correndo pelo terreiro em desespero porque aquele lugar me fazia muito mal. O cheiro de ervas queimadas era como o odor mais fétido que entrava em mim e me enfraquecia me

exaurindo por completo. Eu estava em um verdadeiro pesadelo!

Fui correndo entre os diversos médiuns daquele rito atrás de uma saída. Olhava para todos os lados atrás de uma porta e eu só via fumaça, luzes muito fortes e muita música, e tudo foi rodando e rodando e rodando. Comecei a andar meio sem rumo por causa da tontura e quando percebi estava do lado de um médium que exalava o aroma característico dos drogados. Sem nem perceber eu fui atraído automaticamente para esse médium e senti a presença dos eflúvios da droga em seu sangue o que me deixou pouco a pouco mais forte. Aproximei-me dele inspirando profundamente a energia que ele emanava e o médium começou a tombar no chão enquanto eu ficava mais forte. Com essa força eu vi uma porta e para lá corri em desespero para me ver livre daquele lugar. Quando saí finalmente da casa eu fui abordado por três guardiões com suas capas e tridentes que me pararam com expressões furiosas. Eu gritei pra eles me deixarem ir e um deles foi olhar em um livro para consultar alguma coisa. Quando voltou disse que eu não

estava naquele livro e, portanto, deveria ser solto. Quando enfim me vi na rua foi um alívio, quando consegui finalmente entrar e ver as paisagens do plano a que pertenco fiquei mais aliviado ainda.

Continuei servindo meu superior, mas eu já não era o mesmo. Do nada eu começava a chorar, comecei a sentir uma tristeza insuportável e cada missão que eu cumpria começou a me atormentar como se minha consciência me acusasse de algo. Isso começou a me atrapalhar em meus serviços e eu cheguei a falhar algumas vezes por não querer sinceramente que a vítima passasse por aquilo. Por causa dessas falhas eu fui enviado para cá como missão de reconhecimento e também como bode expiatório, pois caso algo acontecesse seria um peso a menos pra ele. E agora estou aqui diante de você como um covarde que desiste de sua missão, como um peso morto para as trevas e com certeza para a Luz.

- Não vejo covardia em nada disso, Senhor Quimbas. Vejo o amadurecimento de um espírito que nunca foi mal e que descobriu há tempo sua verdadeira

natureza. - disse Ogum. - Por pior que seja o criminoso, ainda existe dentro de todos eles a presença de Deus, que só está oculta pelo peso dos erros. Veja que um raio de luz de um ser superior encontrou ressonância com o seu interior e foi o suficiente para no tempo de um ano transformar suas emoções e seus pensamentos, amadurecendo o bem ali plantado. Claro que você tem muitos anos ainda pela frente para realizar essa transformação, pois o que cultivamos em décadas dentro de nós não desaparece em pouco tempo. Por isso você será levado pelo Ogum das Matas até o Centro de Tratamento e Contenção para se dedicar ainda mais a esse projeto de regeneração. Antes peço que me esclareça um pouco mais sobre esse que se diz Sete Encruzilhadas, usurpando o nome de Exu que por tanto tempo as correntes espirituais tentam limpar.

Quimbas passou o endereço terreno do lugar de magia negativa onde estão afixadas as forças dessa perigosa entidade.

- Ele é muito forte - disse Quimbas - Junto com ele trabalham mais seis entidades de magia negativa



alimentadas com sangue regularmente o que os fortalece ainda mais.

- Só de você nos dar o endereço terreno desse lugar, você já nos ajuda a encontrar os fundamentos no plano astral negativo. Teremos que liderar uma operação a esse local ainda durante esse trabalho para que quando a visita dessa entidade nos surpreender estejamos com nossa equipe já em seus fundamentos. Agradeço seu auxílio, Quimbas. Peço que acompanhe Ogum das Matas até o lugar onde você terá todas as oportunidades de mudança e paz.

Apresentou-se diante de Quimbas um espírito alto de um indígena montado em um belíssimo cavalo branco. O indígena estava vestido com penacho e saiote de penas vermelhas e vestia sete colares de dentes afiados. Trazia ainda na mão uma lança muito afiada e nas costas uma espada e um escudo bem amarrados. Seu cavalo emitia uma luminosidade que impedia Quimbas de olhar diretamente para o cavalo. Ogum das Matas estendeu a mão para Quimbas, abriu um sorriso acolhedor e disse:

- Vamos, meu irmão, pois sua viagem é longa. Não se preocupe, pois quem nos protege é o Senhor das Vitórias que é Ogum Nosso Pai. Levamos a marca e o estandarte dele pelos caminhos e por isso ninguém nos ousará perturbar. Para nos proteger ainda mais contaremos com dois amigos que nos acompanharão nessa jornada. Levaremos você em segurança até sua nova casa! Vamos?

Quimbas aceitou a mão do Ogum e subiu no cavalo onde sentiu imediatamente um sono tranquilizador que o fez adormecer em um minuto nas costas de Ogum das Matas. Ele foi devidamente amarrado a Ogum das Matas e foi levado em disparada juntamente com mais dois Oguns cavaleiros para o Centro de tratamento e contenção Nossa Senhora do Carmo onde espíritos com fluídos densos da magia negativa com possibilidades de regeneração eram levados.

Ogum Sete Ondas convocou então todos os Oguns e guardiões e disse com sua voz de líder imperioso:

- Meus irmãos de batalha! Em breve aqui chegará um poderoso inimigo das trevas com a intenção de assassinar o dirigente desse terreiro. Só existe um jeito de vencermos essa batalha e Ogum já nos trouxe as informações necessárias para concretizar isso. Ogum nunca nos deixa na mão e trouxe até nós o endereço material onde estão os fundamentos de magia negativa que fortalecem esse espírito que em breve estará aqui. Esse espírito ousa se dar o nome de Exu Sete Encruzilhadas, usurpando com vileza o título de Exu para confundir a humanidade. Com certeza ele faz isso para enfraquecer a espiritualidade de terreiro na opinião popular e gerar ainda mais animosidade contra as religiões de terreiro que sempre desfazem seus trabalhos sujos de magia. No fim não passa de mais um espírito das trevas para influenciar e realizar os desejos mais mundanos dos encarnados, que sem saber, caem lentamente em suas garras. Nós precisaremos de reforços, e precisaremos nos dividir. Metade de nós ficara aqui para enfrentar a chegada desse que não mais será chamado por mim de Sete Encruzilhadas pois não

ofenderei essa benevolente falange de verdadeiros exus que tanto auxiliam a humanidade. A partir de agora vamos chamá-lo de seu verdadeiro nome que é Quiumba das Encruzilhadas, nome que traduz melhor a origem desse ser e que não ofende um título que a espiritualidade tenta há muito tempo limpar e esclarecer.

A outra metade de nós se deslocará até a base astral negativa onde estão os fundamentos do Quiumba das Encruzilhadas e atacará esse local com todas as forças de que dispomos. Quebraremos os elementos astrais construídos ao redor desse local e destruiremos as magias condensadoras de energia negativa ali aprisionada.

Um dos Oguns levantou a mão e perguntou:

- Mas destruir esses fundamentos não vai destruir também os alicerces da vida do bruxo que realizou as magias?

- Certamente que vai - disse Sete Ondas - Quando quebramos os fundamentos de algum trabalho de magia, a energia libertada retorna para quem a manipulou e causa estragos enormes. Ao fazer a magia negativa o bruxo coloca sua energia e a entidade também coloca sua

energia. Quando a energia é liberada pela destruição desse trabalho a energia tende a ser atraída para quem lhe manipulou tanto de encarnado como desencarnado. Bruxo e entidade recebem esse retorno que não é determinado por nós, mas sim pela Justiça da Natureza. Nosso trabalho é salvar a vida de um filho de Deus e destruir a maldade que caminha pelo mundo. Qualquer adversidade que venha disso para os bruxos de magia negativa é uma lei da natureza e de Deus e nada tem a ver conosco. Preparemo-nos, irmãos! Convoquem as tropas auxiliares! Avise o pai de santo! Vamos à guerra!



## **CAPÍTULO SEIS**

### **O AXÉ DOS ORIXÁS**

Retornei ao salão do terreiro para avisar por intuição o pai de santo e as entidades presentes no trabalho que um enfrentamento iria ocorrer. O pai de santo estava no centro do salão concentrado em seu trabalho de invocação dos orixás para que a gira tivesse um verdadeiro poder de realização. O pai de santo estava invocando Oxalá e todos os filhos de santo cantavam com força um ponto que atraía para o terreiro as vibrações desse orixá da paz e da fé. Quando a música estava na segunda repetição comecei a ouvir o som de muitos sinos que vinham de todos os lugares ao nosso redor, mas sem emanarem de nenhum sino material ou astral. O axé de Oxalá começou a descer sobre o terreiro em forma de fumaça esbranquiçada que beirava o prateado. Dez pombas luminosas e resplandecentes pousaram em dez locais diferentes do terreiro, e uma delas pousou no ombro direito do pai de santo que sentiu uma irradiação

de paz e bem estar percorrer seu corpo. O pai de santo e os demais não visualizavam as pombas pois elas desceram do plano divino para o plano astral como resposta ao ponto, mas os mais sensíveis sentiam as vibrações que emanavam delas.

O axé é uma energia que vem do plano divino e se torna visível no plano astral para ser manipulado pelas entidades espirituais que trabalharão na gira. Quando entra em contato com o plano astral o axé toma a forma de uma fumaça da cor do orixá invocado, que pode ser facilmente manipulado pela mente das entidades e, também, dos encarnados. Em toda gira é comum observar a emanção do axé dos orixás por meio de fumaça e os médiuns mais atentos chegam a ver essa fumaça que se espalha pelo terreiro impregnando o local. O axé fica no salão dos trabalhos para ser usado pelas entidades espirituais nos trabalhos de atendimento e, ao final de cada trabalho, uma entidade faz um procedimento para que o axé restante seja recolhido nos assentamentos vibratórios do terreiro. O axé que surge durante a gira é atraído pelos pontos cantados e pela concentração dos



membros da corrente e em toda gira temos uma grande manifestação de axé.

Quando passaram a cantar para Oxóssi outro fenômeno de grande beleza ocorreu no espaço astral do terreiro. Um cheiro de mata com os mais diferentes tipos de ervas e plantas impregnou a todos nós e entre os odores o que mais se destacava era um cheio de manga que nos deliciava. O axé de Oxóssi começou a descer do alto como uma fumaça em todos os tons de verde que se espalhava pelo terreiro da mesma forma que a de Oxalá. Plasmou-se no centro do terreiro uma mata fechada no meio da qual vimos Senhor Oxóssi em pé, com seu chapéu, arco e flecha de ferro na mão, na cintura uma roupa verde com desenhos de folhas e no peito um pano de cor azul turquesa com desenho de pássaros. Trazia na mão um rabo de cavalo a exemplo dos reis africanos. O chapéu estava abaixado tapando o rosto e vimos sair de seus lábios um som como se de mil pássaros cantando ao mesmo tempo que produziu no ambiente astral do terreiro uma elevação muito poderosa. A aura por trás de Oxóssi era semelhante à cor de um Sol se pondo e todos

sentíamos as ondas que eram emitidas daquela aura divina manifestada no plano astral.

Aquela era uma manifestação do Oxóssi que acompanhava o pai de santo e era o que poderíamos chamar de o orixá do pai de santo, ou seja, uma manifestação individualizada de Oxóssi para acompanhar o pai de santo nessa vida. O orixá não é um ser do plano astral, mas sim de um plano superior que costumo chamar de divino. O orixá é um ser que personifica uma característica divina e é uma divindade que estava presente na Criação do Mundo. Imagine então o potencial absurdo que um orixá possui cheio de poderes da criação! O orixá é uma divindade e também está presente dentro de cada um de nós com suas energias, características e poderes espirituais e psíquicos. Como um orixá em sua manifestação plena não pode se manifestar em um médium, ele envia um representante divino de seu Reino que ao entrar em contato com o plano astral precisa tomar uma forma visível e inteligível para que possa ser compreendida por todos. Quando esse Oxóssi que estávamos observando na gira está no plano divino ele é

um ser sem formas ligado ao Oxóssi original, e, para se manifestar na vida de seu filho, Oxóssi envia a ele esse representante divino de seu axé, que ao atravessar o plano mental e chegar ao plano astral vai tomando forma e acaba se manifestando aqui como uma representação do Oxóssi original. Essa emanção é chamada de Orixá Menor e possui o mistério de ser o próprio orixá manifestado e ao mesmo tempo não ser. Esse mesmo orixá manifestado no plano astral pode ser ligado a um assentamento e ali passará a utilizar mistérios que não cabe a mim explicar agora. Essa manifestação do orixá no plano astral causa grande emoção em todas as entidades presentes pois sempre vem acompanhada das forças da natureza tão bem controladas por todas essas divindades.

Todos nos prostramos de cabeça no solo diante da gloriosa aparição de Oxóssi, pois estávamos diante do orixá que chefia os nossos trabalhos e de um ser antiquíssimo e divino fora de nossa completa compreensão, uma vez que ainda não penetramos nos planos divinos. Nas esferas da Umbanda ainda existem muitos mistérios a serem estudados e observados até

mesmo pelos espíritos, pois muitos de seus fundamentos estão ligados a planos superiores ao plano astral e isso dificulta nossa compreensão. A presença dos orixás nas giras e assentamentos é um desses mistérios que unem plano divino, plano astral e plano material que precisaremos estudar com maior atenção no futuro.

Oxóssi tocou a nuca do pai de santo e uma luz turquesa e verde começou a pulsar em sua testa rodeando completamente a sua cabeça. Segundo nossos estudos isso é uma manifestação do axé do orixá que está implantado na cabeça astral do pai de santo. O orixá também é uma energia divina dentro do ser humano implantada em sua maior parte na cabeça etérica e astral e ali estava o lampejo dessa energia que era ativada diretamente pelo seu dono. Assim que o axé do Ori do pai de santo se manifestou em sua testa ele se curvou nos modos de Oxóssi como se o tivesse incorporado e sua aura se expandiu na cor turquesa produzindo outro grande espetáculo no terreiro. Do topo da cabeça do pai de santo fluía uma fumaça turquesa que corria pela frente do seu corpo impregnando chakra por chakra com o axé

do orixá, como se o Ori dele fosse uma usina infinita de axé de Oxóssi. O orixá Oxóssi começou a emanar de sua cabeça uma fumaça de luz idêntica ao do pai de santo mas em quatro direções diferentes sendo que um fluxo corria pela frente, outro pelas costas, outro pela direita e outro pela esquerda. A fumaça de luz do pai de santo descia somente sobre o corpo dele e as fumaças de Oxóssi desciam ao solo do terreiro impregnando o solo da casa.

Oxóssi então se posicionou atrás do pai de santo e sua belíssima aura da cor do Sol se uniu com a aura astral do médium produzindo outro tranco no pai de santo. Nesse belíssimo momento o pai de santo começou a emanar do topo de sua cabeça quatro fluxos de axé que não só desciam ao solo, mas também se espalhavam pelos arredores sendo atraídos pelas mãos dos outros membros da corrente que estavam em posição receptiva.

Quem estava com as mãos fechadas ou em outra posição também recebia o axé, mas em proporções muito menores dos que a dos que se encontravam com as mãos abertas em direção ao santo. Nessa etapa o pai de santo

estava verdadeiramente incorporado com seu orixá astral pois tudo o que o orixá fazia, ele também fazia, como se os dois estivessem dançando em completa união de passos e gestos.

Oxóssi incorporado se dirigiu até um consulente que com uma mente firme estava suplicando seu auxílio para problemas que vinha sofrendo em sua vida financeira. Oxóssi incorporado abraçou o consulente com grande amor e os quatro fluxos que se derramavam de sua cabeça se concentraram completamente no consulente deixando de se esparramar pelo terreiro. O consulente estava como que sendo banhado pelas correntes de axé que entraram pelos seus sete chacras e impregnaram sua aura. Assim que Oxóssi o deixou ocorreu algo muito curioso que comprova a capacidade dos encarnados de perder axé a todo momento. O consulente foi deixado por Oxóssi com a aura banhada de axé e quando ele se sentou no banco esse axé era muito perceptível em seu organismo sutil e ele estava sentindo um grande bem estar e esperança. Passando-se cinco minutos o axé de sua aura começou a ser expelido pelos

seus pés e a se espalhar pelo solo do terreiro. Aproximei-me do consulente e questionei o caboclo que estava cuidando dele:

- Meu irmão, porque esse consulente está perdendo todo o axé que Oxóssi acabou de conceder a ele?

- Sete Estrelas, esse consulente se sentiu muito bem com esse abraço de Oxóssi, mas depois de alguns minutos ele sentiu no bolso de sua calça o papel de uma de suas contas mais difíceis de pagar. Isso o fez mentalizar cenas de pobreza e dificuldade financeira que logo culminou em medo, e essa combinação fez o axé ser expelido pelos pés como acontece sempre. É possível controlar a boca e a conduta durante a gira, mas os pensamentos são incontroláveis por quem não faz um treinamento de meditação e aqui está o resultado. Logo depois de receber o axé os pensamentos e medos já o devolvem à natureza.

- Mas algo ficará nele? -perguntei desconsolado.

- Certamente que sim, mas para isso precisaremos analisar o que esse consulente fará logo que

sair daqui, o que ele irá falar, que preces e ritos irá fazer e assim por diante. Como bem ensinou o Mestre do Oriente se perde axé da mesma forma que se ganha, ou seja, pelos pensamentos, palavras, condutas e rituais. Se ele mantiver bons pensamentos, cuidar do que sai de sua boca, praticar condutas positivas e construtivas e realizar os rituais que serão passados para ele com fé ele poderá manter um pouco do axé que recebeu. Se fizer o contrário pode chegar a perder tudo o que recebeu nessa gira.

Ainda desolado retornei ao centro do salão. No canto esquerdo do terreiro estava um outro médium que tinha a energia de Oxóssi no Ori. Em determinado momento seu Ori se iluminou na cor do orixá mas de uma forma um pouco mais fraca do que a do pai de santo. Isso foi o suficiente para que ele se curvasse e começasse a rodar Oxóssi ao som da música. Nesse caso não havia nenhum orixá manifestado em corpo astral, apenas o axé do ori saindo para fora, se manifestando e vibrando o que produzia no médium um transe forte e bem diferente do transe mediúnico das entidades. Um fluxo de axé saía por sua coroa mas não chegava nem até ao nariz do médium



porque ele ainda estava desenvolvendo essa energia. Quanto mais dançava mais a aura do médium ia mudando de cor indicando que ali estava acontecendo o profundo trabalho de manifestação do axé, um trabalho que pouco a pouco coloca o médium em contato com seus orixás. Ao fim da dança o fluxo de axé estava quase chegando à parte superior da boca do médium indicando que ocorreu uma evolução naquela noite. Quando o fluxo de axé do ori alcançasse o chakra básico do médium ele seria convidado pelos orixás a fazer sua consagração e passaria a ter contato com seu Oxóssi em forma astral que ainda não estava presente. Observando esse momento da gira pude compreender com clareza a diferença entre um médium consagrado e a de um não consagrado e, além disso, compreender a diferença entre rodar o orixá e incorporar o orixá.

Quando Oxóssi desincorporou a aura do pai de santo estava renovada. O fluxo de axé voltou a fluir unicamente na direção frontal, mas estava muito mais forte do que quando começou a interação entre os dois. Oxóssi tocou o topo da cabeça do pai de santo no astral e

o fluxo parou de fluir se recolhendo completamente no orido médium provocando uma sensação de desorientação que durou alguns segundos. Que espetáculo divino a presença dos orixás na Umbanda!

O pai de santo então começou a cantar para Ogum e todos ouvimos de longe um grito de guerra que fez todo o salão vibrar. Nesse momento, por saber que todos nós estávamos à beira de uma batalha inspirei o dirigente a cantar um segundo ponto para Ogum o que reforçaria em muito as energias necessárias para nossa batalha. O ponto cantado é como um imã de axé e quando ele é entoado o axé responde se manifestando no terreiro e impregnando todo o local para que as entidades trabalhadoras possam utilizá-lo nos atendimentos e nos propósitos da casa. Pedindo para entoar um outro cântico o axé que já era atraído naturalmente dobrava sua atuação para fortalecer os combatentes que se dirigiam nesse momento até a base astral negativa.

A fumaça vermelha e azul desceu sobre o terreiro com o característico cheiro de ferro, mas percebi hoje que a cor que prevalecia era a vermelha. Com o contato desse

axé senti meu corpo astral se encher de uma força incomum como se eu pudesse batalhar contra todos os exércitos malignos da terra. Olhei ao meu redor e vi que todos os espíritos estavam sentindo o mesmo, como se aquela fumaça extraísse para fora nossas características mais ligadas à batalha. O axé tem um efeito muito forte sobre os espíritos do plano astral que costumam sentir os efeitos dele imediatamente. Basta entrar em contato com a fumaça, que nossas características psíquicas começam a passar por uma transformação e nossa aura começa a mudar de cor, nos obrigando a fazer certo esforço de vontade bem como aplicar técnicas energéticas para controlar a absorção dessa energia, pois em excesso pode ter efeitos inesperados nos espíritos.

Pelo caminho que dava acesso ao centro do salão vi uma fileira dupla de oguns das mais diversas falanges marchando até o salão para absorverem o axé que lhes fundamentava todas as atividades. Eles pararam no centro do terreiro em meio à fumaça eminentemente vermelha e deram seus brados de guerra elevando as espadas e escudos para absorverem a fumaça de axé que

impregnava o terreiro. Foi impressionante o efeito que isso causou no axé ali manifestado, pois a fumaça começou a se movimentar em formas rodopiantes sobre os oguns que estavam fazendo um exercício energético para absorver o axé. Assim como os encarnados possuem exercícios para absorver as energias pela respiração, nós também possuímos um conhecimento sobre técnicas para absorver e controlar o axé do plano astral para os mais diversos fins, evidentemente sempre positivos.

Enquanto os Oguns davam seus brados de guerra dois médiuns incluindo o pai de santo estremeceram como se fossem incorporar e tiveram que se controlar para evitar os trancos e estremecimentos. Isso não ocorreu porque um Ogum queria incorporar, mas sim porque a energia extremamente movimentada do terreiro entrou em contato repentino com os chacras deles o que causou um estremecimento parecido com o da incorporação, uma vez que são processos semelhantes.

A fumaça de axé que estava excessivamente presente no terreiro estava bem diminuída agora pois as entidades Ogum tinham absorvido a maior parte para

fortalecer seus trabalhos em prol da causa do Bem. Eles saíram marchando pelo mesmo lugar de onde vieram, deixando uma impressão de respeito em todos nós que confiávamos nossas seguranças a todos eles. Ao observá-los indo para a guerra tomei a firme decisão de acompanhar o caso de perto pois eu estava me responsabilizando pessoalmente pelo caso de Márcio e seria essencial para mim entender tudo com mais detalhes. Como o acesso a esses locais de vibração maligna são perigosos sem o auxílio de guardiões, optei por aproveitar aquele deslocamento de guerra para fazer minha pesquisa. Mesmo elevando nossa vibração para ficar invisível ao mal todo contato com vibrações grosseiras é perigoso para os espíritos e por isso é essencial que sempre estejamos sob a guarda de oguns ou exus. Além disso, como eu ajudaria na batalha eu certamente não poderia ficar invisível pois dessa forma não seria de utilidade alguma. Fui até a Senhora Jacinta de Oxum que é responsável pelo terreiro em minha ausência para passar a ela as rédeas do terreiro.

- Salve, Mãe Jacinta! - saudei.

- Salve você, meu filho. Alguém já te disse que você é a coisa mais linda! - disse a bondosa entidade que se apresenta como uma senhora preta de mais ou menos cinquenta anos, com uma simples saia branca, pano de costa dourado e bordado com espelhos de Oxum, um lenço na cabeça inteiramente branco. Sempre está com reluzentes brincos dourados, unhas pintadas de dourado, inúmeras pulseiras nos braços e guias de quase todos os orixás no pescoço. Ela geralmente fica sentada em uma belíssima cadeira que mais parece um trono em um canto da gira entre os pretos velhos e os baianos. Seu trono parece ser inteiramente feito de ouro com os símbolos de todos os orixás e de lá ela observa todos os detalhes ritualísticos da gira e em especial coordena o axé para que a gira tenha um real poder de realização. Como ela conhece os segredos do culto de orixá é ela quem manipula o axé, faz a magia dos assentamentos, ajuda o pai de santo a atrair o axé necessário e ao final envia o axé para os assentamentos. Sem ela praticamente não existiria a gira como ela é hoje. Mesmo com a gravidade

do momento e com os Oguns indo para a batalha não me contive em perguntar:

- Mãe Jacinta, em seu trono estão os símbolos de todos os orixás cultuados na Umbanda da Iluminação?

Ela me olhou surpresa com a pergunta curiosa e respondeu:

- Todos eles, meu filho, menos Iansã e Obá com quem não tenho simpatia nenhuma. - disse ela soltando uma gostosa gargalhada, pois visivelmente estava brincando já que em seu trono também estavam os desenhos de Iansã e Obá. - Tenho respeito, meu filho, mas simpatia não! Escuta, foi pra isso que você veio aqui? Você saiu do seu posto pra perguntar sobre o meu trono?  
- ela já estava se preparando para me dar uma bronca.

- Não, de forma alguma - logo respondi. - Vim aqui porque vou precisar me ausentar da gira. Vou com Ogum Sete Ondas em uma batalha para destruir uma base astral negativa. Vim pedir para a senhora cuidar do terreiro em meu lugar.

- Eeee, meu filho. Você veio pedir pra eu fazer o que eu já faço que é cuidar do terreiro em seu lugar?! -

disse ela sorrindo, mas já se preparando para a crítica. -  
Veja que se eu não ficar em cima do pai de santo nem  
uma vassoura é passada nesse terreiro direito! Você não  
comenta nem esses detalhes com ele.

- A senhora tem razão. Eu ainda não tenho  
autorização para entrar em um contato mais próximo com  
ele. - Respondi.

- Bom, meu filho, vá em sua batalha e que Oxum  
os abençoe nessa empreitada. Pode deixar que eu cuido  
dessa gira! - imediatamente ela se levantou de seu trono  
e já se dirigiu para o meu posto no centro do salão do  
terreiro. Despedi-me dessa entidade que é amada por  
todos no terreiro, tendo até mesmo quem busque fazer  
algo errado de propósito só para levar uma de suas  
brincas que sempre misturam a personalidade incisiva de  
Oxum com o amor do mesmo orixá.



## **CAPÍTULO SETE**

### **A BASE ASTRAL NEGATIVA**

Quando me coloquei junto com os Oguns eles marchavam de forma típica dos soldados e ao redor deles caminhavam os exus de Umbanda. Estávamos em mais ou menos cem Oguns e cinquenta exus naquela ocasião e todos eles eram de destacamentos auxiliares que são invocados dependendo da necessidade. Ogum Sete Ondas e Tranca Ruas das Almas estavam na frente de todos o que causava uma certa impressão destoante pois Tranca Ruas não marchava como os Oguns assim como nenhum exu e era visível que Tranca Ruas estava internamente debochando dessa formalidade militar.

Quando chegamos na base astral negativa me espantei com a aparência astral desoladora daquela casa.

A casa ficava logo de esquina e se erguia no plano astral como uma torre antiga de mais ou menos três andares toda de pedra negra e contendo desenhos de pontos riscados emissores de energia maligna. Ao redor

da casa havia uma cerca de muitos arames farpados a ponto de realmente se tornarem um muro completamente fechado onde foram colocados em lanças sete cabeças de bode que rodeavam a torre. A casa no plano material era belíssima e aparentava ser de uma família comum e com alguma posse de dinheiro. Esse foi um dos meus espantos pois percebi que os encarnados não podem se deixar enganar pela aparência material das residências já que elas podem esconder terríveis cenários do plano astral. Uma espessa névoa preta estava no solo ao redor da casa em um raio de mais ou menos dez metros e reconhecemos ser o fluído negativo ali usado para fins perversos. Nessa mesma distância de dez metros havia marcações pela rua com cabeças de caveira humana em cima de lanças que demarcavam o território astral base astral. Ao lado de cada lança com caveira havia uma entidade sombria, e a que nos receberia era uma entidade que vestia uma espécie de casaco grosso de pele escura de algum animal bem peludo, trazia uma cartola feita do mesmo material e tinha ao seu redor sete garrafas de bebida alcoólica. Seu rosto trazia as marcas da vida que

levava no plano astral apresentando uma espessa barba suja, olhos vermelhos com uma expressão de insanidade e em todo o arredor de seu ser sentíamos o aroma de bebida. As garrafas de bebida a seus pés eram a materialização astral de oferendas que com certeza estavam aos pés de alguma imagem ou coisa semelhante ligada a ele. Ao ver nossa aproximação a entidade pegou uma espécie de trombeta e a soprou, causando grande rebuliço de espíritos naquela casa que mais parecia um recorte dos reinos infernais.

Sob as ordens de Ogum paramos e ele e Tranca Ruas se aproximaram dessa entidade para começar um diálogo:

- Salve! – disse Ogum em um tom sério - Sou Ogum Sete Ondas e venho em nome das forças da Umbanda destruir as bases desse lugar de maldade e corrupção espiritual! Trazemos o estandarte dos orixás e de Jesus Cristo e em nome da misericórdia de todos eles concedemos a chance de que o chefe dessas atividades e todo o seu séquito se entregue para o aprisionamento voluntário.

A lamentável entidade começou a gargalhar de forma frenética e parecia mesmo estar zombando de todos nós.

- Quem vocês pensam que são?! - disse ele recolhendo a gargalhada e mostrando olhos cheios de ódio. - Nós não servimos esses nomes estúpidos que vocês ousam declamar diante de nosso território. Servimos o Inferno e as hostes infernais e seja lá o que vocês pensam estar fazendo aqui é melhor se retirarem. Como vocês encontraram nosso rastro?

Antes que Ogum pudesse responder outra entidade surgiu das sombras para responder a pergunta. Esse se vestia de terno violeta com uma gravata preta, tinha a barba bem feita e o cabelo minuciosamente penteado.

- Eles estão aqui porque um dos nossos nos traiu. - disse a entidade com uma voz melodiosa como se estivesse querendo disfarçar a agressividade que lhe era natural. - Quimbas nos traiu e agora temos diante de nossos portões esses ilustres trabalhadores que com certeza possuem uma visão incorreta de nós. Permita-me

me apresentar, Senhor Ogum Sete Ondas, o meu nome é Senhor Tatá Caveira.

Percebi imediatamente que os exus presentes em nosso exército se sentiram imensamente ofendidos e começaram a manifestar a repulsa por aquele quiumba usar o nome de uma falange tão respeitada entre os guardiões. Um guardião de Lei deu um passo à frente e disse:

- Como você ousa usar esse nome? A falange de Tatá Caveira é movida pelo respeito ao ser humano e à ética. Já você, pelo que temos observado, se pauta pelas mesquinhas humanas. Você irá pagar caro por usar esse nome e vilipendiá-lo por aí.

Tranca-Ruas levantou o braço direito e o exu voltou para trás obedecendo, pois Tranca-Ruas era o general das tropas de exus da nossa casa e um dia talvez eu possa contar a sua história. Com esse gesto Tranca-Ruas silenciou a revolta que estava se instaurando entre os guardiões e o diálogo voltou a se concentrar em Ogum Sete Ondas e no estranho espírito que ali havia surgido. O espírito de roxo ouviu a reclamação sobre o seu nome

com um ligeiro sorriso no rosto mas mantendo em seu olhar um brilho de ódio que revelava as mais terríveis intenções.

O quiumba que se autoproclamava Tatá Caveira pigarreou e disse:

- Só para não deixar o seu desvario emocional sem resposta, digo que o meu nome foi conquistado com muito suor nas profundezas do mundo negativo. Ganhei esse nome do próprio chefe dessa falange nos Reinos Infernais e aqui a ostento sempre que eu posso pois para mim é um orgulho. Não sei se vocês sabem pois não conheço o nível de ignorância de vocês, mas o que vocês chamam de quiumbas usam os mesmos nomes de falanges para se opor ao trabalho dos guardiões. Para cada nome de falange de guardiões o Inferno cria uma falange de mesmo nome para trabalhar no mundo negativo. Assim, temos com certeza o Tatá Caveira da Quimbanda de Lei que segue esse ridículo e frágil sistema de vocês. E temos o Tatá Caveira que tem seu trono no Inferno para fazer um contraponto a essa falange de vocês. Com isso podemos causar a confusão que

precisamos causar e também acabamos ganhando de brinde a irritação de vocês. Por que imagine só como ficará a opinião pública dos espiritualistas ao ver um Tatá Caveira fazendo um trabalho para morte e destruição? - disse ele passando a língua pelos lábios como se estivesse saboreando algo.

Ogum Sete Onda ouvia tudo em silêncio e imóvel com a expressão inalterada que era costumeira aos militares espirituais.

- Eu não vou chamá-lo de Tatá Caveira - disse Ogum - pois não importa o que você tenha feito ou os parâmetros de seus trabalhos você decididamente não merece esse título. Trabalhamos para a Umbanda debaixo da Lei de Cristo e dos Orixás e estamos dando a vocês a oportunidade de se entregarem espontaneamente para prisão. Vocês sabem que temos a nosso lado as forças da Luz e finalmente essa Luz conseguiu nos guiar até o covil diabólico de vocês. O reino de trevas de vocês será dissipado.

A entidade de roxo começou a gargalhar de forma estridente com uma gargalhada que incomodava os

ouvidos e parecia se misturar ao som de animais. Nesse momento, no plano material, vimos o bruxo responsável pelos trabalhos abrir o portão de sua casa com uma galinha viva na mão. Ao lado dele estava uma outra entidade vestida de trapos soprando ao ouvido dele o que ele deveria fazer. Sabendo que seu trabalho estava exposto, os espíritos pediram ao dirigente que fizesse um sacrifício em um ponto específico da rua, para alimentar as energias densas dessas entidades para defender aquele terreiro.

- Nós não vamos nos entregar diante de representantes de um terreiro que mal saiu das fraldas. A instituição que vocês representam é fraca, pequena, nova demais, imatura e não pode nos afetar em nada. Realmente esperávamos que quando fôssemos descobertos seria por alguma instituição melhor e mais digna do que somos. - A entidade de roxo voltou a rir.

Ogum, percebendo o sacrifício que iria ser realizado na esquina, enviou uma intuição para Tranca Ruas que por sua vez enviou uma intuição a um dos exus que lá estavam. O exu que recebeu a intuição era o



venerável Exu do lodo que se apresentava naquela ocasião como um homem careca e inteiramente coberto de lodo e lama. Parecia vestir por baixo da lama algum tipo de roupa, mas não era possível distinguir pois ele havia passado em todo o seu corpo uma espessa lama onde residia toda a sua magia. Era possível enxergar seus olhos que estavam sem lama e ali eu percebi a presença de um espírito antigo e repleto de mistérios aos quais eu ainda não compreendia. Exu do lodo, no mais completo silêncio, caminhou até o lugar para onde o bruxo estava indo. O interessante nisso tudo é que nem a entidade de roxo e muito menos o espírito que estava acompanhando o bruxo perceberam a aproximação de Exu do Lodo, e nisso temos um dos grandes mistérios dessa entidade, ou seja, ele consegue se aproximar de entidades de vibrações densas e negativas e até mesmo da mesma vibração que ele sem ser notado. Exu do lodo começou a caminhar do lado do bruxo, ergueu sua mão esquerda e disse em voz audível:

- Desista! Não faça isso ou o retorno sobre você será mais desastroso do que o que já ocorrerá.

O bruxo parou de andar assim que sentiu as vibrações de Exu do Lodo. Essas vibrações chegaram a ele por meio de um sentimento terrível de pânico e ansiedade, um medo enorme de fazer aquele sacrifício. Os outros espíritos de trevas não tinham sequer ouvido a voz audível de Exu do Lodo. A entidade que o acompanhava começou a olhar para os lados tentando sentir alguém, fechou o rosto, colocou as mãos diretamente na cabeça do dirigente e disse:

- Faz logo esse maldito sacrifício ou eu te joga nessa rua com uma doença e você vai passar a noite aqui!

Diante da ameaça que o bruxo ouviu claramente por causa da sintonia mediúnica que possuía com a entidade, ele correu para a esquina caminhado até determinado local bem no meio da encruzilhada, pegou sua faca, ergueu a galinha e começou a cantar um ponto.

Ogum se voltou para a entidade de roxo e disse:

- Pelo visto você acha que a instituição que representamos na terra é nova em idade? A manifestação material há certa quantidade de anos não é o começo de uma história espiritual. A instituição que representamos

tem suas raízes em tempos que perdemos de vista por meio das linhas sagradas escritas por Deus na vida de centenas de espíritos. Nosso terreiro não é um local material com começo e fim. A sede principal de nosso terreiro e de todos os terreiros de Umbanda dessa terra estão sedimentados no coração dos orixás, coração esse que é eterno, sem começo e sem fim, onipotente, onisciente e onipresente. Nosso terreiro é o orixá. Você sabe quantos anos tem os orixás que estão conosco? Você sabe qual é a idade do Supremo Senhor Olodumare e seu general Jesus que nos comanda a todos?

- Palavras vazias - disse a entidade de roxo com um tom menos prepotente na voz mas mantendo sua firmeza.

- Pelo visto vocês não querem dialogar. – disse Ogum mantendo a severidade de seu rosto mas demonstrando com o olhar um pouco de tristeza. Tranca-Ruas deu um passo à frente até o quiumba e gritou irritado:

- Oh seu engomadinho de caixão violeta, cala a sua boca! Eu conheço seu povo todo de trás pra frente e

de frente pra trás. Já trabalhei com espíritos como vocês e eu conheço todos os fundamentos que vocês tem aí. Eu dei até um curso pra esses soldados sobre os fundamentos de magia negativa! Para com isso e se entrega logo! Escuta, eu dei um curso tão bom pra esses Oguns que se eles quisessem eles podiam abandonar isso aqui e abrir uma escola de magia negativa! Tenha paciência! Para de ser burro! - nesse momento Tranca Ruas já estava bem perto da entidade de roxo quase encostando rosto com rosto. - Você vai realmente arriscar uma abordagem mais pesada só pra defender esse terreiro cheio de teia de aranha que vocês têm! Se entrega logo, flor violeta, se entrega logo e chama a galera toda aí pra gente acabar logo com isso!

As palavras de Tranca-Ruas deixaram a entidade de roxo um pouco desorientada pois não esperava encontrar uma entidade com palavras tão diferenciadas.

- Você é outro traidor pelo visto. - disse a entidade de roxo agora mostrando desprezo por Tranca-Ruas. O guardião olhou o quiumba de cima a baixo e

abriu um sorriso mostrando que não tinha medo do que estava vendo.

- Eu não usaria esse termo, Tranqueira! Eu não sou um traidor e sim um comerciante! - disse soltando uma alta gargalhada. - O contrato que eles me ofereceram é mais vantajoso contendo inclusive a salvação da minha alma. O contrato de antes eu só recebia sangue, bebidas, prazeres e essas outras coisas nas quais vocês devem estar viciados. No contrato de agora eu estou melhor pode acreditar. - Tranca Ruas se virou para Ogum Sete Ondas e disse: - Soldado, eu já não estou mais suportando a voz dessa violetinha melindrosa aqui. Chega de espera! - Tranca olhou profundamente para Ogum passando pela intuição as informações que seus exus tinham enviado a ele ao observar o terreiro e pelo visto não havia mais como esperar.



## **CAPÍTULO OITO**

### **BATALHA**

Na encruzilhada ocorreu um fato de extraordinária fascinação. O bruxo, acatando a ameaça da entidade das trevas, cortou com a faca o pescoço da galinha e começou a espalhar o sangue pelo asfalto da rua. Nesse momento Exu do Lodo se ajoelhou no solo e bem no local em que o sangue estava caindo ele plasmou sua lama viscosa que passou a absorver todo o fluído daquele sangue que caía pela rua. Sem saber, o bruxo estava jogando o sangue em cima de uma lama preparada pelo guardião que impediria que o sangue se transformasse no fluído negativo que alimentaria os fundamentos daquela casa. A entidade que acompanhava o guardião ficou estarecido, pois o fluído negativo surgia imediatamente quando feito com sangue, e ele não estava vendo nada surgir dali. Quando o espírito ia correr para avisar alguém mais poderoso que ele de que algo estava errado, acabou escorregando em um lamaçal também plasmado pelo Exu do Lodo e ficou ali no

solo deitado segurando pela atração magnética daquela lama. O bruxo saiu correndo para dentro de sua casa pois já sentia na saúde um dos efeitos mais desastrosos da magia negativa, ou seja, quando não há sangue animal para se usar nos fundamentos a energia usada é a do próprio bruxo. Com certeza esse magista negativo teria uma noite difícil. Mesmo em um momento de tanta tensão me aproximei de Exu do lodo para oferecer ajuda e também para fazer uma pergunta:

- Salve, Senhor Exu do Lodo! Que extraordinário efeito é esse? O fluído astral do sangue da galinha está sendo absorvido pela lama que você traz consigo. Como pode isso?

- Salve, Sete Estrelas. Mojubá! - respondeu o guardião. - Cada exu dominou alguma ciência espiritual das trevas em sua caminhada pelo Inferno. Eu tive muito contato com a terra e a lama pelo tipo de morte que levei e quando despertei no Inferno minha ligação com esse elemento estava muito forte. Como por algum tempo continuamos ligados no Inferno ao que está acontecendo com o corpo físico eu fui usado por alguns espíritos em



magia que envolvia esse elemento. Na Magia negativa uma das principais funções da Lama é absorver fluídos e quanto pior for esse fluído mais atraído pela lama ele será. Ali eu usei um dos meus conhecimentos para que o fluído vital manipulado de forma trevosa fosse absorvido pela lama. Depois eu vou recolher aquela lama e deixar em um ponto de força do Inferno chamado Grande Pântano onde costumo fazer uma boa parte do meu trabalho. Nesse lugar esse fluído negativo será encaminhado para seu destino de origem e nisso acabamos até contribuindo para que a Natureza receba de volta o que é dela. Então, resumindo, o meu trabalho é limpar essas energias pesadas.

Completamente espantado agradei a explicação do Exu e voltei para junto do exército que começava a acender tochas e a recitar preces em preparo para a batalha. Quando me coloquei em meu posto ouvi o grito de guerra de Ogum Sete Ondas e vi a luz que sua espada refletiu ao ser levantada com o sinal para seguirmos. A entidade de roxo saiu correndo para a torre enquanto

uma trombeta de som horrível era tocada por nossos inimigos anunciando o início da batalha.

Os oguns avançaram com tochas de fogo e espadas enquanto em um belíssimo uníssono cantavam um cântico que dizia:

*Ogum venceu, meu pai, Ogum venceu!*

*Ogum vence, meu pai, Ogum vence!*

*Ogum vencerá, meu pai, Ogum vencerá!*

Era um espetáculo observar os Oguns lutando enquanto se mantinham cantando o ponto em uníssono e com muita força. O ponto cantado é um dos maiores poderes que a religião de Umbanda possui, e não era a toa que os Oguns estavam cantando enquanto lutavam pois o ponto em uníssono fortalecia o exército deles atraindo sobre todos o axé de Ogum essencial naquele momento.

Os oguns invadiram o espaço incendiando as defesas astrais da base astral negativa. O fogo se alastrava por tudo enquanto os Oguns lutavam com os

espíritos que usavam armas, objetos amaldiçoados, comandavam o fluído negativo, entre outras coisas. Em determinado momento soltaram lobos contra nós e outros animais selvagens e esfomeados que nos deram bastante trabalho. Com meu arco-e-flecha também entrei em combate pois estávamos em defesa do bem e de Cristo e nessa defesa ninguém pode se omitir. Os exus sob o comando de Tranca Ruas se concentraram nas entidades com maior concentração de fluídos espessos vindos do sangue pois esses eram mais difíceis de se controlar.

Uma equipe de Exus comandado por João Caveira se dirigiu até o fundamento principal da casa que ficava no quarto central da torre. Chegando lá viram um trono feito de pedra preta com ossos formando enfeites e em cima desse trono uma pedra grande e pontuda. Ao lado desse trono havia dois tronos menores também com pedras e eram certamente de outras entidades que ali tinham seus fundamentos. João Caveira era especializado no manejo do fluído negativo pois trabalhou muito tempo com o pior tipo de magia negativa que existia e com sua habilidade tocou em alguns lugares, murmurou algumas

palavras e grande quantidade de fluídos negativos foi inundando o ambiente em forma de fumaça escura e espessa.

- Quando terminarmos aqui os fundamentos dessa base astral negativa estarão destruídos e nenhuma magia vai funcionar aqui. - disse João. - Podem iniciar a descristalização.

A descristalização é o processo de diluição das formas astrais cristalizadas pela mente das entidades espirituais. No plano astral tudo é construído pelo pensamento e cristalizado pelo fluído. Pela descristalização ocorre o oposto, ou seja, o fluído abandona a construção astral descristalizando a construção que desaparece completamente.

Os guardiões estavam com tochas de um vivo fogo vermelho que tinha o poder de diluir o fluído negativo e que foi ateado ao ambiente. O fogo se alastrou rapidamente descristalizando tudo e transformando em cinzas todos os objetos astrais que estavam lá dentro.

É importante deixar claro que essa operação se assemelha a operações realizadas pelos exércitos e

organizações policiais do mundo físico e tem como objetivo descristalizar bases astrais dedicadas a ações espirituais que ferem a lei do Universo. Essa base astral descristalizada se dedicava a assassinatos mágicos, prisões mentais (sequestros astrais), destruição de famílias, adoecimento de pessoas e diversas outras ações negativas.

Por esse motivo a Hierarquia Superior autoriza a operação de descristalização de bases astrais negativas que espalham sofrimento à humanidade.

Recebi uma intuição de Tranca Ruas para visitar um quarto estranho que ficava no subsolo da torre. Quando lá cheguei com mais sete exus encontramos um longo corredor de terra batida com quatorze celas, sete de cada lado. Em quatro dessas celas estavam aprisionados corpos astrais sendo dois de desencarnados escravizados e dois de encarnados desdobrados.

Conseguimos abrir as celas e levar esses espíritos para nosso campo de batalha onde a luta já chegava a seu fim.

Os espíritos dos desencarnados estavam silenciosos demonstrando que estavam lá faz tempo. Um deles saiu correndo e sumiu nas trevas das ruas. Outro se sentou na rua com o olhar perdido no nada, absorto em seus próprios pensamentos. Os espíritos dos encarnados estavam sob efeito de alguma droga pois riam muito e apresentavam forte odor característico.

Sentei-me ao lado do desencarnado que ainda estava com o olhar perdido, levantei minha mão direita e comecei a lhe aplicar Imarangatu mentalizando que ele melhorasse e retomasse sua razão. Fiquei ali uns vinte minutos tentando fazer a razão daquele espírito voltar ao normal até que fui interrompido por Ogum Sete Ondas.

- Sete Estrelas - disse ele - reconheço sua grande generosidade em tentar ajudar esse espírito, mas por enquanto ele está fora da possibilidade de ajuda. Ele possui ao redor dele muita matéria do plano astral negativo onde nos encontramos por sintonia vibratória agora. Ele precisa resolver suas questões e ter a matéria densa ao redor dele um pouco mais dissipada para que a razão dele possa pelo menos compreender sua situação.

Olhei com pena para o espírito e percebi realmente que ele estava fora da possibilidade de ajuda. Aproximei-me então dos encarnados desdobrados que estavam completamente alienados e rindo sem parar.

- Sete Ondas, o que vamos fazer com esses encarnados? Será que eles vão acordar logo?

- Acordar? - interrompeu Tranca Ruas antes de Sete Ondas responder. - e quem disse que eles estão dormindo? Esses encarnados estão muito bem acordados, mas estão sob efeito de uma droga. Eles devem estar fumando-a nesse exato momento e os quiumbas, que já devem trabalhar com eles há tempos, aproveitaram o desdobramento do corpo que ocorre pelo efeito da erva para prender eles aqui e usar em algum objetivo perverso.

- Mas como assim? - perguntei espantado.

- Sim, Estrelinha Dourada. Quando alguém fuma essa erva ocorre o desdobramento do corpo astral que geralmente é usado por espíritos aproveitadores para seus intentos. Nesse momento eles influenciam, colocam objetos, levam o corpo astral para determinados lugares e a pessoa drogada nem percebe porque sua consciência

está entorpecida pela droga. A mesma coisa acontece na bebedeira pesada onde também o corpo se desdobra com facilidade bastando para isso ter um grau suficiente de mediunidade. Esses dois aí com certeza são dois médiuns que nesse exato momento estão se drogando. Sente o cheiro da droga? Bom, vamos! Não podemos fazer nada por eles já que eles estão exercendo o livre arbítrio ao fazer isso.

Aproximei-me de um deles, levantei minha mão e fiz uma prece a Oxalá por eles pois só nos restava o poder da oração naquele caso. Pedi a Oxalá que cuidasse desses encarnados para que um dia eles pudessem encontrar o caminho da libertação e que se nesse momento fosse permitido que eu pudesse encontrá-los novamente e ajudá-los. Dois anos depois Oxalá nos colocou no mesmo caminho novamente mostrando que o orixá sempre ouve nossas preces mas essa história fica para outra ocasião.

Ogum reuniu todos os espíritos batalhadores e juntos comemoraram a vitória. O fogo devorava tudo naquela torre que outrora abrigou forças de grande malignidade. Todos ergueram espadas e tridentes



comemorando com gritos de vitória e após a comemoração todos se deram as mãos ao redor da grande fogueira que se formou ali e juntos cantamos o hino da umbanda. Cantar o hino da Umbanda ao redor daquele espaço era semelhante ao ato do exército vencedor de uma guerra fincar a bandeira em um lugar declarando sua vitória. Quando terminamos de cantar, o céu noturno astral anteriormente encoberto em cima da casa por causa do fluído se abriu um pouco mostrando algumas estrelas comprovando assim que o fluído negativo ali manipulado estava indo embora.

- Irmãos - disse Ogum com voz altiva - agradeço essa vitória que trouxemos para a felicidade da humanidade. Esse local está destruído, mas vamos voltar em breve para plasmar construções melhores aqui permitindo que contribua de alguma forma para o bem. Mas agora precisamos voltar pois o chefe desses desordeiros não estava aqui e sabemos que o plano dele é atacar nosso terreiro. Vamos que essa noite ainda não acabou.

Um destacamento de Oguns e Exus ficou responsável por levar as entidades aprisionadas para o centro de aprisionamento ligado a nossa casa. Espíritos ligados ao mal e com o objetivo de destruir não podem ficar soltos pelo mundo espiritual assim como os criminosos não podem ficar soltos no mundo material. Por isso sempre levamos os espíritos malfeitores para uma espécie de prisão onde buscamos oferecer um tratamento e uma possibilidade de aprendizagem. Existem diferentes formas de aprisionamento que ficam em locais vibratórios diferentes. Alguns centros como aquele para o qual Quimbas foi encaminhado são mais leves e se destinam a espíritos que já possuem grande abertura para o bem. Outros, como esse para os quais tais espíritos iriam, são mais severos pois esses quiumbas não possuem ainda nenhuma abertura para o bem. O papel dos trabalhadores dessa prisão é tentar oferecer tratamentos espirituais e orientação para aqueles que quiserem mudar. O objetivo é a regeneração espiritual e ela só está acontecendo em regime de prisão porque se soltos esses espíritos podem cometer inúmeras tragédias e, também, porque temos

autorização Divina para prender espíritos de quiumbas que provocam crimes espirituais. Se o espírito não se enquadra nisso não temos esse direito porque todo espírito é livre para fazer o que bem entender debaixo da Lei de Deus.

Enquanto voltávamos para casa me aproximei de Exu do Lodo para acompanhar seu trabalho no encaminhamento das energias densas que ele tinha capturado. Antes de nos colocarmos a caminho, Exu do Lodo foi até o local onde a lama absorveu o sangue e com muita destreza fez uma esfera com essa lama. Colocou a esfera em sua cabeça e se pôs a caminhar conosco.

- Senhor Exu do Lodo, o senhor vai se desfazer dessa lama no pântano agora mesmo? - perguntei.

- Sim, Sete Estrelas. Vou até certo ponto com vocês e depois irei para o Grande Pântano. Lá, jogarei essa esfera em uma das possas onde o fluido negativo perverso aqui contido será absorvido pela Natureza e retornará para o local de onde foi emanado. Por meio dessa técnica da lama posso absorver qualquer tipo de energia negativa que fica impregnada nela. Esse é um dos

meus papéis na Tenda, absorver tudo o que é de ruim e jogar nesse pântano.

- Sem esse trabalho, Grande guardião, o que ocorreria ao terreiro?

O exu deu uma gostosa gargalhada e disse:

- Terreiro? Sem esse trabalho não existiria terreiro, Sete Estrelas. Tudo o que é tipo de energia ruim ficaria no solo astral, parede astral, teto astral do terreiro e ninguém suportaria entrar lá. A irradiação do local ficaria tão ruim e a vida do pai do santo tão insuportável que certamente não existiria terreiro. Esse é o problema de quem se mete a abrir um terreiro sem ter o auxílio necessário. Se não tiver quem faça isso não tem como o terreiro prosseguir.

- Então é por isso que nas giras de exu o senhor forra todo o solo com lama! - exclamei admirado em compreender melhor o trabalho dessa entidade.

- Isso mesmo. - respondeu ele. - Eu coloco minha lama embaixo de todos os compadres e no terreiro todo. Tudo o que os compadres tiram de ruim do terreiro e dos consulentes eles jogam nessa lama e no fim da gira eu

levo tudo para o pântano. Gostei da conversa mas agora preciso ir. - Exu do Lodo se despediu e foi embora rumo a seu pântano.



## **CAPÍTULO NOVE**

### **GIRA DE CABOCLOS**

Quando retornamos ao terreiro percebi que todos estavam se preparando para o momento das incorporações. Os caboclos que trabalhariam naquela noite já estavam posicionados atrás de seus médiuns aplicando passes nos chacras mais utilizados no momento da incorporação. Os médiuns já cantavam os pontos sentindo os fluídos dos caboclos em seu corpo por meio das sensações características de cada um. Cada caboclo tinha uma aura muito mais ampla que a de seus médiuns que já começava a se unir com as auras menores de seus cavalos produzindo um intercâmbio de cores.

Quando olhei para o pai de santo vi atrás dele meu amado pai, o Caboclo Tupinambá das Sete Matas. Meu pai se apresenta como um indígena de feições brasileiras com mais ou menos cinquenta anos. Seu rosto traz sinais dessa idade mostrando sabedoria, com exceção para seus olhos que ainda possuem o ar da jovialidade de

um moço de vinte anos. Veste um penacho de pajé que desce até o solo formado por uma fileira de penas brancas menores e uma segunda fileira de penas verdes maiores. Seu saiote é feito da mesma forma e com as mesmas cores. Traz em seu rosto uma pintura indígena com riscos vermelho e brancos indicando que hoje é dia de batalha no terreiro. Veste um colar de dentes de animal que vai até o coração e um colar de olho de boi que vai até o umbigo. Traz em suas mãos um maracá belíssimo com penas e desenhos misteriosos de onde emana um brilho esbranquiçado e um arco e flecha rústico que lembra perfeitamente os que eram usados em nossa tribo quando encarnados. A aura de meu pai é tão grande que atinge as paredes do terreiro e possui tons dourados semelhantes à cor dos raios do Sol. A aura de seu médium, infinitamente menor, estava sofrendo uma espécie de perturbação ao entrar em contato com a aura dessa magnífica entidade. A aura do pai de santo estava apresentando anteriormente uma cor esverdeada por causa da interação com Oxóssi mas agora a aura solar de Tupinambá fazia aparecer diversas pulsações na aura do



pai de santo e o verde começava a mudar de cor para um amarelo esverdeado. O problema é que parecia que a aura do pai de santo estava relutando em mudar de cor o que causava sensações ainda mais fortes no pai de santo como trancos mais severos. Aproximei-me de meu pai e bati cabeça no solo em saudação. Levantei-me e o abracei:

- Salve, meu pai! Como foi o resgate de hoje? - perguntei alegre. Meu pai raramente se ausentava no início da gira, mas hoje ele precisava cumprir um resgate nos planos infelizes para permitir uma conciliação de uma consulente que ocorreria naquela noite.

- Salve, meu filho. - respondeu ele sorrindo - Olhe ali junto com o Caboclo Araribóia. - Olhei e vi uma senhora de mais ou menos sessenta anos usando um vestido que outrora deve ter sido muito requintado, mas que agora estava sujo e rasgado. - Essa é a mãe daquele consulente ali que estava há muito tempo perdida nas terras da noite. Esse consulente que vai ser atendido hoje por mim possui graves problemas de saúde e emocionais que estão ligados à repercussão do sofrimento da mãe

dele em seu ser. A ligação entre pessoas que se amam não termina depois da morte, digo até o contrário, se fortalece. Então, muitas vezes, se um parente sofre na Terra da Noite seu parente vivo a ele ligado pode sentir vibrações desse sofrimento. Não tem como ajudar esse consulente sem ajudar sua mãe. Além disso esse consulente tem um grande sentimento de culpa pois sua mãe morreu repentinamente em um período em que eles estavam brigados. Hoje tentaremos curar essa dor com a força do Pai Grande! Demorei, mas consegui trazê-la aqui. O Pai Grande e os orixás são muito bons pra conosco, meu filho. Se temos intenções de amor, se trabalhamos para expandir o Coração de Jesus em nós e nos outros então ele sempre nos ajudará.

- Como o senhor sempre consegue trazer quem o senhor deseja do Umbral, meu pai? Muitos vão até lá em missões e nem sempre obtém sucesso. Como o senhor consegue tantas proezas com a regeneração de espíritos?

Meu pai me olhou com profunda compaixão e ali em seus olhos eu já tinha entendido a resposta de minha pergunta.

- Eu não tenho nenhum poder especial, meu filho. Eu só tive uma profunda experiência com o Sagrado Coração de Jesus e percebi com ele que se eu realmente amar alguém sem se importar com suas características, amar de forma gratuita e verdadeira, tudo pode ser transformado. Mas terei que contar minha experiência em outro momento porque a incorporação já vai ocorrer.

- Está certo. Pai, uma última curiosidade, geralmente a aura do pai de santo responde bem aos seus fluídos. Por que hoje ela parece estar brigando com sua energia?

- O pai de santo é um ser humano, meu filho, e como todo ser humano ele está à mercê das emoções. Ele está aqui com o coração aberto e desejoso de receber a Luz de Deus. Mas hoje ele não está muito bem emocionalmente pois está um pouco triste com alguns acontecimentos. Isso não vai atrapalhar em nada nosso trabalho, mas a aura ligeiramente entristecida produz esse efeito. Mas não se preocupe porque vai passar e eu vou conversar com ele.

Meu pai fez como se puxasse o ar e soprou sobre o chacra laríngeo das costas do pai de santo produzindo a união se seus chacras. Nesse momento os chacras de meu pai brilharam cada um em sua cor característica e um fio luminoso saiu de cada um de seus chacras se unindo aos chacras do médium no lampejo de segundos, fazendo com que ele incorporasse meu pai. E pronto, ali estava o caboclo Tupinambá das Sete Matas, meu pai e rei, pisando na terra para saravar na Umbanda.

Todos os outros médiuns de atendimento passaram pelo mesmo processo e suas entidades estavam em terra para praticarem a caridade. Observei uma cabocla belíssima com seu penacho rosa preparar seus objetos espirituais de trabalho ao lado de uma serpente que parecia ser o animal de poder da entidade. Vi um caboclo alto e grande acender uma fogueira no plano astral do terreiro para preparar seus trabalhos de atendimento. Vi o caboclo Pena Branca ajeitar cumbucas com unguentos de ervas ao seu redor e abençoar o campo astral para que seus consulentes pudessem se sentir melhores. Vi outro caboclo Tupinambá jogar ervas

secas fazendo um círculo no espaço onde o consulente ficaria para produzir ali as vibrações que ele queria. Atrás de cada caboclo de trabalho se encontravam mais três caboclos auxiliares com diversos materiais espirituais que a entidade de atendimento poderia usar. Atrás, por exemplo, desse outro Caboclo Tupinambá, os caboclos auxiliares seguravam estátuas de madeira, cumbucas com erva seca, água de rio, plantas frescas recém colhidas, colares e muitas outras coisas.

Passei a observar o Caboclo Ventania da Mãe pequena com seu longo penacho de pajé que descia até o solo. Atrás dele havia dezessete caboclos sendo sete auxiliares e dez aprendizes em processo de integralização na Umbanda. Os auxiliares fazem o papel de ajudar nos atendimentos como todos os outros. Já os interessantíssimos aprendizes são entidades que foram agrupadas pelo Caboclo Ventania para ajudar em sua missão futura de levar a Umbanda adiante tendo um terreiro próprio. Aqueles dez caboclos estavam atrás de Ventania levantando as mãos doando energias espirituais e fazendo algumas orações seguindo fielmente as

instruções do Caboclo. Quando um caboclo se torna chefe de terreiro esse anúncio é feito primeiro no plano espiritual para que ele possa preparar as bases de seu trabalho. Com essa autorização que vem da Grande Hierarquia o caboclo passa a usar um penacho longo que desce até o solo que se torna um sinal do respeito que ele merece por ser chefe de uma nova aldeia. O novo chefe passa então a reunir entidades das matas com seus conhecimentos para formar sua aldeia de trabalho e pouco a pouco vai construindo sua família espiritual. Tempos depois isso se reflete no mundo material por meio do terreiro físico e por meio da missão de uma mãe ou pai de santo que é o último elo de uma enorme corrente iniciada nos orixás, fortalecida por milhares de espíritos e executada no plano físico pelo sacerdócio espiritual.

O primeiro consulente de meu pai foi um rapaz de mais ou menos trinta anos com a aura repleta de sentimentos de tristeza, angústia e culpa. Meu pai começou a limpar o consulente e vi que enquanto ele passava sua mão pelos braços do rapaz uma sujeira acinzentada era jogada no chão. Quando meu pai soprou

sobre sua fumaça sobre as costas do consulente muitos mosquitos que ali estavam ocultos saíram voando pelo terreiro para logo caírem no chão e se desintegrarem. Depois de limpar o consulente, meu pai puxou a fumaça do charuto, fechou os olhos e mentalizou o sentimento de alegria comandando que esse sentimento se impregnasse na fumaça. Quando ele soltou a fumaça sobre o coração do consulente ela estava com uma cor amarelo brilhante e ao atingir o coração do consulente centenas de mosquitos saíram voando como se estivessem morando ali há muito tempo. O consulente sentiu um enorme alívio como há muito tempo não sentia e com esse bem estar ele passou a ouvir a mensagem de meu pai que o orientaria para um novo caminho.

Em determinado ponto da conversa meu pai fez um sinal para o Caboclo Arariboia que trouxe a mãe do consulente que ficou ao lado de seu filho. O caboclo deu uma baforada de fumaça na entidade sofredora e passou a trabalhar os elos de união dos dois pois ali um obsediava o outro pelo amor profundo de mãe e filho, mas também pelo terrível sentimento de culpa que o filho

nutria. O caboclo disse ao filho que esquecesse os erros do passado e se perdoasse pois não havia mais necessidade de ele manter aquele sentimento. A mãe do rapaz, ao ter consciência de seu filho, sentiu uma alegria imensa que se manifestou no filho como uma alegria repentina que ele não sabia que vinha de sua mãe. O Caboclo olhou profundamente para a mãe e disse:

- Eu sei que você nunca guardou rancor de seu filho, minha irmã. Mas eu peço que você diga a ele que o perdoa e que o ama pois isso vai fazer um bem imenso a ele.

A mãe passou então a acariciar o filho dizendo que o perdoava e que o amava enquanto o caboclo Arariboia aplicava passes nela para que não transmitisse nenhum fluído pesado a seu filho. Após o momento de cura emocional a senhora foi levada por Arariboia a uma esteira de ervas que já a aguardava para um tratamento espiritual com a Cabocla Indaiá. Depois desse tratamento ela seria encaminhada para uma aldeia espiritual de tratamento onde benevolentes espíritos de caboclas cuidam de espíritos sofredores. Nem tudo no plano



espiritual é feito de hospitais à maneira dos hospitais do mundo material. Ligados à umbanda existem muitas aldeias indígenas construídas para acolher espíritos e tratá-los de acordo com o poder da natureza e dos elementos. A Tenda de Umbanda de meu pai está ligada a uma aldeia chamada Vitória Régia que fica em um lugar belíssimo no plano astral, onde espíritos sofredores são encaminhados para passar por um programa restaurador que envolve as artes xamânicas de cura. Lá se evita a todo custo paisagens típicas da cidade urbana e modelos de hospitais típicos da terra. Nessa aldeia magnífica, todos dormem em ocas confortáveis e em locais conectados com a natureza. Lá, os espíritos sofredores são guiados por uma pajé e sua equipe de caboclas curandeiras e místicas que conduzem o espírito a uma transformação interior. Afinal, nem tudo se cura com macas e médicos de branco pois há situações que se curam com as antiquíssimas artes xamânicas que também são utilizadas no plano astral para a regeneração dos espíritos. É uma grande graça ser encaminhado para essa aldeia e isso só é permitido a espíritos que demonstrem a vontade de

transcender seus sentimentos negativos e passar por uma transformação espiritual.

O segundo consulente de meu pai foi uma mulher que estava ali apenas para analisar e julgar aquele terreiro. Logo que ela se aproximou meu pai percebeu os pensamentos de julgamento e crítica que ela estava lançando sobre a casa, discordando de alguns pontos que não eram em nada parecido com o terreiro em que frequentava. Meu pai a atendeu com todo o amor pois sabia que por trás dos julgamentos e críticas estava apenas um filho de Deus que também queria ser feliz. Após a limpeza habitual da consulente meu pai começou a falar sobre o estado emocional dela e de como era importante trabalhar ele antes de desejar se dedicar à mediunidade com afinco. E por ali foi ele orientando ela que em cinco minutos estava se debulhando em lágrimas. Fico sempre impressionado com a facilidade com que meu pai chega ao cerne do coração das pessoas em meio a tanta simplicidade. Mesmo os corações mais duros costumam amolecer diante de sua intervenção espiritual, assim como ele fazia em nossa aldeia de encarnados onde

era nosso líder espiritual e depois de certo tempo também nosso líder político. Em certo momento do passe da mulher, apareceu um caboclo com penacho vermelho e branco bem atrás dela bradando e saudando as forças de meu pai. Meu pai parou o que estava fazendo e saudou respeitosamente o caboclo que acabava de se manifestar. Ele fez um gesto para mim e eu fui atender a entidade para meu pai continuar a orientação da consulente.

- Saravá Caboclo!

- Saravá, caboclo! - respondeu ele. - Eu sou o responsável por essa filha porque ela faz parte de minha aldeia.

- Que bom então que você atendeu a nosso chamado, Caboclo! - respondi. - Antes até de ela entrar percebemos que ela era ligada a uma instituição espiritual de Umbanda e como precisamos respeitar as hierarquias de cada casa evocamos o líder espiritual dessa instituição para avisar e acompanhar o atendimento.

- Agradeço muito o respeito de vocês - disse o Caboclo - Peço licença para acompanhar o atendimento e ajudar no que for possível.

- Você tem toda a licença. Fique à vontade! - respondi. O caboclo se postou ao lado da consulente e ficou ali acompanhando o aconselhamento e dando mais informações sobre a situação da consulente que já era acompanhada por aquele espírito há certo tempo. A Umbanda possui uma lei interna de respeito e ordem onde todas as casas precisam respeitar a doutrina e a liderança das outras. A falta de respeito e conflitos por causa de doutrinas e fundamentos alheios só existe mesmo entre os encarnados porque no plano espiritual devotamos toda nossa atenção no respeito às diferenças.

## **CAPÍTULO DEZ**

### **O QUIUMBA**

Quando o atendimento dessa consulente terminou chegou a vez de Márcio ser atendido e no sorteio ele caiu com meu pai. No momento em que ele se levantou de sua cadeira o Caboclo Pantera Negra levou os três obsessores sonambulizados para perto do consulente aos pés do caboclo para fazer o desligamento dos fluídos, a limpeza e a doutrinação. Mais três caboclos se aproximaram juntamente com uma preta velha de muita candura para aplicar passes nos obsessores que ficaram ajoelhados no chão e passaram a gritar como se sentissem muita dor. Das mãos das entidades saía uma luz branca que atingia a cabeça dos obsessores e aquilo parecia ser traduzido pela mente deles como dor lancinante. Meu pai começou a limpar Márcio que trazia pelo corpo colares e pulseiras colocados pela horda de espíritos das trevas para quem ele foi consagrado. Com a fumaça de seu charuto o caboclo soprava esses objetos que arrebatavam as guias

de umbanda diante de uma energia maléfica. Nesse caso a energia elevada aplicada sobre esses objetos faziam com que eles se rompessem e se esparramassem pelo solo do terreiro. Quando meu pai soprou chacra por chacra de Márcio conseguimos visualizar melhor o estado de seu corpo etérico e astral que estavam cheios de feridas como grandes úlceras. Em suas pernas estavam desenhados muito pontos riscados que ligavam esse rapaz ao trabalho de magia negativa da entidade que lhe obsediava.

Meu pai começou a conversar com Márcio enquanto um outro caboclo e Daijo passaram a trabalhar sobre uma guia feita de pedras negras com um osso de dedo humano como firma que estava no pescoço de Márcio. Parece que essa guia estava atrelada a algum comportamento ou estado mental de Márcio pois ela não cedeu aos primeiros impulsos da fumaça. Aproximei-me dos trabalhadores para ajudar nesse feito e passei a irradiar energias sobre a guia para que se arrebetasse. Em determinado momento Daijo parou e disse:

- Irmãos, isso não vai adiantar. Essa guia está sendo alimentada pelo sentimento de melancolia que esse moço tem e em especial por uma certa memória do passado. O espírito que fez isso aproveitou um dos piores momentos da vida desse moço, reuniu a energia horrível desse momento e ligou a essa guia. Toda vez que ele se lembra desse acontecimento essa guia é alimentada o que faz com que ele nunca se liberte dela, que continua produzindo tristeza e depressão.

- E como podemos ajudá-lo, Daijo? Não podemos deixar essa guia nele. - perguntei.

- Temos que rezar para que seu pai toque o coração dele infundindo mais esperança e alegria. Especialmente temos que esperar seu pai trabalhar esse acontecimento do passado e fazer o consulente enxergar isso de outra forma. Só com a mudança de atitude mental e de sentimentos essa guia vai enfraquecer e poderemos retirá-la.

Meu pai engatou em uma conversa com Márcio tratando dos assuntos que o angustiava e o conduzia para o suicídio. Depois de vinte minutos de conversa percebemos

uma melhora em Márcio que começou a chorar como uma criança. Meu pai o abraçou irradiando sobre ele o amor de Deus e de seus enviados e então, percebemos um enfraquecimento na solidez astral da guia de pedras negras possibilitando uma nova tentativa.

Quando Daijo tocou na guia percebendo que seria possível tirá-la se manifestou ao lado dele o dono daquela guia, o Quiumba que se autodenominava Sete Encruzilhadas. Ele se manifestou como um homem de mais ou menos quarenta anos com um terno preto extremamente elegante, barba grande, olhos severos, uma cartola preta e uma bengala. A entidade das trevas deu uma gargalhada gélida, bateu sua bengala no solo e disse:

- Não toque nesse colar pois ele me pertence. Ele está com esse rapaz há anos e eu não dou permissão para que vocês o retirem. - o espírito estava visivelmente irritado e não pude notar que ele não foi segurado nas portas do terreiro pelo exu Tranca Ruas, mas sim se manifestou diretamente no meio do salão bem onde queria.



- Como você conseguiu entrar aqui dentro? -  
perguntei meio espantado pois isso não era o comum.

- Vocês não estão lidando com um amador, Caboclo! Eu estou nas Trevas e sirvo o Inferno há muitos e muitos anos e não é esse terreirinho idiota que vai me destruir. Como eu entrei aqui? Eu não deveria, mas vou sim responder pra ver se vocês aprendem alguma coisa. Eu sabia que vocês estavam fazendo algo com meu menino, eu não via, não sentia vocês, mas eu não sou idiota. Então fiquei bem atento a tudo o que o meu menino falava até descobrir que ele estava pensando em vir aqui. Assim como vocês se anteciparam eu também me antecipei e comecei a sondar um médium fraco dessa corrente para criar um elo com ele e assim poder me manifestar ao lado dele sempre que quisesse. Acompanhei esse médium por um tempo, plantei nele meu ponto riscado de invocação, criei situações para que ele ficasse imune a toda tentativa de melhorar as vibrações dele e pronto, cá estou eu diante de vocês. Posso dizer que esse médium foi minha porta de entrada.

Enquanto ele falava olhei o médium que chegou completamente fechado para a gira negando as ervas da Cabocla Indaiá. O médium continuava completamente fechado contando os minutos para que a gira acabasse sem saber que ele havia sido uma porta de entrada para aquela entidade de grande inteligência. Lá fora ouvi o grito de guerra de Ogum Sete Ondas que certamente estava iniciando outra batalha com os servos desse quiumba.

O caboclo Tupinambá olhou pediu para o consulente fechar os olhos e caminhou até o espírito trevoso:

- Irmão, por tanto tempo você caminhou nas sombras usando toda a inteligência que Deus te deu para fazer mal aos seres humanos. Olhe esse pobre menino e tudo o de ruim que você já lhe causou! Observe esse menino e olhe o grau de tristeza e desolação em que você o deixou simplesmente para que no futuro te servisse como fonte de energia.

- Eu não te devo satisfação sobre o que eu faço com o que é meu, e esse menino é meu! - nesse

momento o quiumba gritou de forma horrível e sua pele começou a se avermelhar, em seu rosto começou a aparecer mais rugas, seus dentes antes brancos começaram a se apresentar escuros e pontiagudos e seu cabelo antes penteado agora estava desgrenhado e sujo. A única coisa que permaneceu como antes era o estranho terno vestido pela entidade.

- Meu irmão - continuou meu pai - aqui dentro você não pode esconder sua verdadeira essência. Você pode desejar aparecer como um homem de traços elegantes mas diante da luz do Pai Grande você é obrigado a mostrar quem você é de verdade. Em nosso plano de existência o corpo vai assumindo a forma que nossa mente costuma ter e você já parou para analisar seu estado?

O quiumba estava um pouco espantado com a revelação de sua aparência astral real o que com certeza não era a sua intenção. Mas não estávamos diante de um espírito ignorante, pelo contrário, esse quiumba era muito inteligente no que fazia e estava ali para tentar a todo custo atrapalhar aquele atendimento.

- Ninguém pode me forçar a ficar ouvindo essas palavras fabulosas sobre luz, Deus e toda essa lenga lenga. Vocês acham que esse é o primeiro terreiro de Umbanda que eu visito? E por acaso acham que será o último? Eu só quero o que me pertence e o quero agora.

O caboclo colocou a mão sobre a cabeça de Márcio irradiando sobre ele sua luz e terminou o atendimento pedindo que ele fosse se sentar. O consulente agora era essa entidade antiga e repleta de sentimentos malignos.

- Irmão, diante da divina Lei do Criador todos tem o livre arbítrio de fazer o que querem. Se esse filho quisesse servir o mal trabalhando para você, não poderíamos fazer nada por ele e respeitaríamos sua decisão. Porém esse filho não quer mais continuar com esses problemas, ele quer ser livre e quer ser feliz. Assim como o Pai Grande deu a todos a lei do livre arbítrio Ele também deu o direito de que cada um siga o caminho de sua felicidade. Esse menino nunca se consagrou a você, ele te foi dado por quem não tem direito espiritual algum

sobre ele. O direito espiritual sobre esse filho é de Deus somente e de mais ninguém.

- Isso é fantasia de sua parte. Esse Deus não tem interesse nesse menino fraco, burro e completamente inútil. - respondeu o Quiumba que se encaminhou até Márcio e estendeu a mão para tocar na cabeça dele. Quando o Quiumba fez isso tomou um susto e deu um salto para trás pois Márcio desapareceu diante dele deixando apenas a guia de pedras caída sobre o solo. Nós continuávamos vendo Márcio, mas o quiumba repentinamente não o viu mais. Quando percebeu o que havia acontecido se curvou formando garras com as mãos e deu novamente seu grito diabólico. Eu não consegui esconder meu sorriso pois uma etapa longa do trabalho foi concluída com sucesso, ou seja, Márcio estava espiritualmente mais elevado do que o quiumba de forma que o quiumba não podia mais acessá-lo. Esse sempre foi e ainda é a melhor forma de desobsessão, e consiste em elevar os pensamentos e sentimentos do obsediado, que assim que melhora sua vibração se torna inacessível ao obsessor.

Olhei para o quiumba e disse:

- Pela graça dos orixás, Márcio já não te pertence mais. Ele acabou de internalizar os ensinamentos que aprendeu e sua mente subiu um passo na escada da Luz. Com esse avanço e melhoria de sentimentos ele está vibrando em um grau superior ao seu e não pode mais ser visto e nem tocado por você.

- Como vocês ousam atrapalhar algo que eu cultivo há tantos anos! Eu vou destruir esse lugarzinho e vou matar esse dirigente encarnado imbecil! - ele estava com os olhos vidrados de ódio e sua aura acinzentada foi se escurecendo ainda mais tornando sua aparência ainda mais diabólica.

- Nós destruimos a sua base astral negativa e diluímos em nome do Bem os elementos malignos que estavam sediados lá para fazer mal aos outros. Se você não se entregar você será aprisionado para uma tentativa de regeneração, pois você não pode continuar fazendo tanto mal aos filhos de Deus.

O quiumba deu uma longa risada de deboche e se aproximou de meu pai abrindo os braços em gestos teatrais.

- Quanto tempo você acha que meu menino vai ficar elevado desse jeito. Tudo bem, ele pode estar saindo daqui hoje com a falsa sensação de alegria e bem estar. Porém, mais cedo ou mais tarde ele estará acessível a mim novamente e nesse exato momento algum de meus servos estará ali à espreita. Sobre a destruição de meu terreiro vocês vão me pagar muito caro por isso, mas eu tenho outros terreiros que me alimentam e com certeza vou reconstruir esse que foi queimado.

Fiquei surpreso com a informação de que ele tinha mais terreiros pois eu não esperava isso. Porém, observei uma oscilação diante do chakra frontal dele que prontamente me indicou que ele estava mentindo.

- Você está mentindo, meu irmão. - disse - você não tem outros terreiros.

O quiumba deu mais uma risada de deboche extremamente disposto a prosseguir em sua mentira:

- Você é onisciente por um acaso? - perguntou ele me encarando com um sorriso de grande maldade.

- Não sou onisciente pois isso é garantia apenas de Deus, de suas divindades e dos seres iluminados. Mas estudei com um mestre oriental a ciência de analisar as oscilações da aura que é um estudo muito eficiente em perceber as reais intenções das pessoas. E uma oscilação quase imperceptível de sua aura diante de seu chacra frontal é uma indicação certa de mentira.

O quiumba desarmou seu sorriso e passou a manifestar somente ódio em minha direção. Com essa irradiação vinda dele eu comecei a sentir uma ondulação em minha vista semelhante a uma tontura, mas com base no sentido mental da visão e não em órgãos físicos pois o quiumba estava me afetando com sua vibração maléfica. Imediatamente comecei a me aplicar um passe e a mentalizar a luz o que fez com que eu me normalizasse em segundos.

- Eu peço a você - disse meu pai - que você se entregue pelo seu bem e pelo bem de todas as pessoas que serão libertadas de sua maldade.



- EU NÃO VOU ME ABAIXAR DIANTE DE VOCÊS! - disse o quiumba entrando em uma espécie de surto de ódio e berrando. - EU NÃO VOU ME CURVAR DIANTE DE VOCÊS! - a aura dele começava a ficar mais espessa com um escuro que era como uma fumaça enegrecida. O espírito estava reunindo toda a sua energia para afetar o terreiro e produzir um distúrbio nos médiuns ali reunidos. Se ele chegasse ao final desse processo o dirigente e os médiuns começariam a passar mal e a sentir um grande mal-estar e intensa desvitalização. Com esse início de manipulação de energia maligna o dirigente sentiu uma onda de mal estar mesmo incorporado com meu pai.

Trinta caboclos correram para o centro do salão e cercaram o espírito. Os caboclos bradavam e atiravam flechas que caíam ao redor do espírito sem acertar em seu corpo astral. O objetivo dessas flechas era atingir o campo vibratório ao lado do espírito para enfraquecer sua atuação. Na ponta de cada flecha era passado um unguento com arruda e alho, um preparado que enfraquecia a mais poderosa das entidades malignas. O odor e o efeito vibratório da arruda benzida pelos pretos

velhos logo se fez sentir sobre a entidade, que passou a tossir violentamente como se fosse alérgico e se considerarmos o efeito dessas plantas sobre tais entidades podemos certamente dizer que é uma espécie de alergia. O quiumba se ajoelhou no solo e continuou a tossir enquanto sete caboclos ligados à defesa da casa fizeram um círculo em volta dele e começaram a irradiar uma energia pacificadora e calmante. Esse passe calmante tem o objetivo de reduzir os sentimentos negativos dos maus espíritos pelo menos temporariamente para que ele cesse de realizar alguma conduta prejudicial que esteja executando. Com o passe aplicado pelos sete caboclos o comum seria o espírito adormecer em um sono profundo e com belíssimos sonhos, mas a força de vontade desse quiumba era tão intensa que ele resistiu àquela energia de calma, a negou totalmente dentro de seu coração e permaneceu desperto e firme em seu ódio.

## **CAPÍTULO ONZE**

### **SENHOR JOÃO CAVEIRA**

Ajoelhado no solo, enfraquecido pela arruda, vi o quiumba fechar os olhos e balbuciar algumas palavras. Prestei grande atenção ao que ele estava fazendo para entender se era alguma prece ou simplesmente palavras de ofensa. Reparei nos olhos dele fechados de forma muito concentrada e então minha intuição disse que ele estava se comunicando por pensamento com algum espírito ou médium. Os espíritos não precisam estar presentes ao lado do médium para se comunicar, basta criar um laço forte de ligação com o encarnado que já se torna possível conversar com ele desde que se esteja em um nível do plano astral alcançado por sua mediunidade. Senti em meu coração que ele estava conversando com alguém e passando instruções para colocar algum plano sinistro em andamento que até poderia ter dado certo se não fossem os acontecimentos descritos a seguir.

- Irmão, você está tendo uma oportunidade única em sua vida de se regenerar e abandonar esse caminho maligno. - disse meu pai. - claro que você ainda terá que prestar contas ao Pai Grande por tudo o que fez mas aqui você tem uma chance de recomeçar e passar a plantar algo melhor. É Deus quem o está chamando!

Reunindo sua força de vontade e poder mental o quiumba se colocou em pé, cuspiu nos pés de meu pai e disse:

- Eu jamais vou me curvar diante de vocês.

- Não estamos pedindo que se curve diante de nós. - disse meu pai. - Para nós o único ser merecedor de uma reverência respeitosa é Deus e suas divindades. Não estamos querendo um servo, mas sim um novo irmão que busque a regeneração espiritual. Não estamos pedindo respeito a nós, mas sim respeito a Deus e a suas leis divinas.

O quiumba cuspiu mais uma vez no solo e disse com desprezo em meio a uma tosse:

- Eu não respeito Deus!

Uma voz sussurrante se fez ouvir por todos ali presentes e senti em minha nuca as vibrações de uma nova entidade que entrava no salão. A voz sussurrante disse:

- E a mim, Sete Encruzilhadas, você respeita? - era João Caveira todo coberto por seu manto e capuz escuro que entrava no salão com seu fluído negativo. Ao redor dele a fumaça escura usada pelos guardiões para realizar seus feitos se manifestava em grande quantidade. Eu e muitas entidades, inclusive meu pai tivemos que nos afastar um pouco para não entrarmos em contato com o fluído negativo pois ele faria mal aos nossos corpos astrais. Abrimos assim espaço para João caveira que dessa vez estava usando uma forma humana para se manifestar pois não víamos o rosto, mas as mãos não eram mais esqueléticas e sim normais e com grandes unhas.

Ao ver João Caveira o quiumba arregalou seus olhos com grande surpresa e choque. Era visível a todos o espanto que a visão de João Caveira lhe causou de forma

que ele ficou transtornado por alguns segundos. No meio de um gaguejo ele disse:

- Jo ... jo ... João Caveira?!

- Senhor João Caveira, moço. - disse João Caveira com imponência. O quiumba ainda confuso dobrou o joelho no chão e abaixou a cabeça de forma respeitosa.

- Salve o Inferno! - disse o quiumba elevando o braço esquerdo no ar formando um chifre com o indicador e o dedinho. Essa é uma espécie de saudação utilizada pela magia negativa em suas falanges ou exércitos e é uma forma de identificação entre eles. João Caveira se aproximou do quiumba lentamente até chegar bem na frente dele, colocou a mão em sua cabeça e disse:

- Pelo visto a mim você respeita.

- Respeito sim, Meu senhor João Caveira. - disse o quiumba demonstrando nervosismo - Para se tornar alguém de sua falange é necessário ter grande domínio sobre o fluído negativo, um domínio que os da minha falange ainda não possuem. Eu respeito seu conhecimento e sua honra! Eu ... eu não sabia que você está ligado a esse local, realmente eu não sabia.

- Agora você está sabendo e espero que por meio de você todos fiquem sabendo também. - respondeu João Caveira - Quer dizer, isso por transmissão de pensamentos que você sabe fazer tão bem porque sua saída livre desse terreiro não será permitida.

- Mas ... mas... Senhor João, você está do lado deles? Você não trabalha pela nossa causa?

- E qual é a causa de que você está falando?

- Nossa causa, a causa dos Dragões caídos. - ele disse isso em voz cada vez mais baixa como se quisesse esconder essas últimas palavras.

- A graduação entre a maldade e a bondade é muito complexa e misteriosa, moço. - respondeu João Caveira. - Esse Universo é tão vasto e infinito que existem possibilidades jamais descortinadas por você e por quem segue essa causa que você citou. Estudei muito nas trevas e servi a muitos mestres para pouco a pouco aprender os segredos do fluído negativo. Depois de estudar por mais ou menos dois mil anos consegui o domínio que me permitiu receber a patente de João Caveira e recebi essa patente de um dos Dragões dessa causa que você citou.

Desde então muita coisa aconteceu e nesse trabalho espiritual eu não tenho tempo de lhe relatar minha história. Porém, como você mesmo deve ter percebido pela sensibilidade o meu domínio sobre o fluído negativo continua o mesmo. Com ele eu posso esmagar você de uma forma tão tortuosa que a palavra dor vai tomar um novo sentido em sua vida. Você é um espírito injusto que provoca sofrimentos a inocentes simplesmente para compensar situações de sua vida de encarnado que você não tem coragem de enfrentar. Hoje eu não estou ligado à causa que você citou, mas meu domínio e conhecimento permanecem os mesmos por conhecimentos que você ainda nem sonha serem possíveis.

- Mas como isso é possível? - questionou o quiumba perplexo.

- Isso é possível porque o fluído negativo não pertence aos Dragões ou como prefiro chamar aos Maiorais. Esse fluído pertence ao Universo e assim como todos os outros fluídos respondem ao conhecimento e à força de vontade. Voltemos a você porque não estou aqui



para te dar aulas. Você sabe o motivo pelo qual está atormentando as pessoas há tanto tempo?

O quiumba franziu a testa sem entender muito bem a pergunta de João Caveira.

- Eu sei sim, Senhor João. Eu os atormento pela causa que eu sigo que é a vontade dos Dragões.

- Não, moço, isso é o que você diz a você mesmo para se iludir. - Disse João tirando do bolso sete ossos pequenos e muito antigos. - Está vendo isso aqui? Esse é o meu oráculo que eu também aprendi ao dominar o conhecimento do fluído negativo. Ele revela o passado, o presente e o futuro com riqueza de detalhes que as vezes somente as trevas possui. Ele me falou que você viria aqui essa noite tentar matar o dirigente desse terreiro que por sinal é meu protegido. De posse dessa informação eu fui questionando mais os ossos para conhecer melhor nosso novo hóspede e como os ossos gostam de aprofundar os assuntos eles me contaram um pouco mais de sua triste trajetória pelo mundo e pelos infernos.

- Que ... que trajetória? - gaguejou o quiumba.

- Acredito que faça tanto tempo que você não se lembra. Mas esse ódio gratuito que você destila sobre os encarnados e que para você parece ser a luta por uma causa na verdade é simplesmente um ressentimento guardado por séculos.

O quiumba estava muito abalado pois parecia que algo começava a surgir em sua memória pouco a pouco. João Caveira continuou:

- Você era um sacerdote da Igreja Católica Apostólica Romana há muitos séculos atrás. Você era ambicioso e queria chegar aos cargos mais poderosos da Hierarquia dessa Igreja, mas era sempre ultrajado, humilhado e ofendido pelos seus superiores. Você continuou se esforçando e se esforçando para subir de degrau, mas sempre te cortavam as asas pois realmente você tinha muitas possibilidades e eles eram invejosos. Então sua frustração ficou insuportável e você passou a se entregar às bebidas, começou a se entregar às prostitutas nos bordéis e assim foi perdendo o controle até o dia em que foi retirado à força pelos soldados do cardeal de uma

casa de prostitutas bêbado e foi humilhado em praça pública.

O quiumba começou a ter os olhos marejados de lágrima o que eu jamais pensei que veria. Seus lábios começaram a tremer como se ele estivesse lutando para segurar a todo custo suas emoções.

- Você foi expulso de sua ordem religiosa, teve que sair da casa da paróquia onde morava e ficou sem casa e sem nada. Foi acolhido por uma casa de prostitutas que teve piedade de você e ali você ficou a se consumir e se perder ainda mais. Ali naquela mesma casa você conheceu uma senhora que encontrou um livro de magia negativa que ela mesma não sabia para que servia pois não sabia ler. Você sabia latim e logo percebeu que o livro continha diversas invocações a espíritos das trevas para obter toda sorte de coisas como riquezas, mulheres e vingança. Por muito tempo você estudou esse livro focando sua concentração em vingança contra os padres e cardeais que tinham lhe feito tanto mal e te humilhado tanto. Até que um dia, depois de se sentir seguro, você preparou o espaço em uma floresta da região, arrumou

com muito custo o material necessário e lá se pôs a recitar as evocações dos seres malignos para que se vingasse de seus inimigos.

O quiumba se deitou no solo de barriga para baixo como se aquela lembrança estivesse mexendo com todo o seu ser. Naquele momento me lembrei da lição de meu pai que sempre diz que por trás de toda a aparência diabólica desses espíritos malignos sempre existe um ser humano merecedor de amor. E ali estava um quiumba de comportamentos tão cruéis que não conseguia lidar com as terríveis lembranças de seu passado. João Caveira prosseguiu:

- Nessa primeira noite de ritual parecia que os demônios não tinham te ouvido, mas o livro pedia para que fosse repetido por mais seis vezes. E você o fez canalizando todo o seu ódio sobre seus inimigos de forma a terminar os rituais esgotado e também decepcionado por não ver a aparição do demônio como o livro prometia. No sétimo dia de ritual uma chama de fogo começou a se aproximar de longe pela floresta e seu coração se encheu de alegria por finalmente o demônio ter te atendido.

Porém, sua alegria logo se mudou em angústia pois não era o demônio, mas sim os guardas da Santa Inquisição atrás de bruxas e bruxos para serem presos e queimados. Você foi pego em flagrante praticando bruxaria com um livro de bruxaria nas mãos e nu no meio da floresta na mais completa desolação. Passou o resto da noite na prisão e foi julgado na tarde do mesmo dia pois havia muitas provas e testemunhas contra você. Aguardaram novamente a chegada da noite e ali te queimaram orando a Deus para que o libertasse de seus pecados. Você sentiu a dor do fogo pelo seu corpo e tudo foi se tornando fogo e fumaça até que você adormeceu. Foi um tempo penoso esse que você passou após o falecimento, pois o ódio que possuía o prendeu às experiências do corpo e você acordou no meio da terra na vala em que te enterraram e ali ficou por um tempo que parecia não ter fim. Mesmo com tamanho sofrimento, mesmo vendo os vermes se alimentarem de seu corpo o seu ódio crescia cada vez mais.

Até que chegou o dia em que você adormeceu e ao acordar estava em um cemitério de grande beleza,

debaixo de uma bela Lua Cheia, deitado em um túmulo de pedra com desenhos entalhados de anjos. Certamente não era o cemitério onde você, como bruxo, tinha sido enterrado porque não havia cemitérios para bruxos, então só poderia ser algum outro lugar de um território desconhecido. Quando se deu conta estava diante de você o demônio que estava desenhado no livro da invocação que você fez, olhando atentamente para seus olhos com um sorriso no rosto. Em vez de se apresentar ou se explicar ele simplesmente te perguntou "Você quer vingança contra os seus inimigos?" e você ainda ardendo de ódio e rancor aceitou. Ele estendeu a mão para você e te ajudou a derrubar todos os seus inimigos um a um fazendo com que todos tivessem mortes horríveis. A sensação de prazer que você teve ao se vingar foi tão extasiante que se mantém até hoje na necessidade constante de continuar sentindo isso ao prejudicar as pessoas. Só que faz tanto tempo isso que seu espírito já se esqueceu da verdadeira causa de suas ações. Você continua se vingando de seus inimigos desde então com o que aprendeu desse demônio. E quando esse demônio foi

aprisionado e encaminhado e a falange dele estilhaçada, você se refugiou nessa prática decadente da magia negativa onde ainda tenta se manter.

O quiumba estava deitado no chão chorando em uma mistura de tristeza e de ódio. Ele começou a gritar:

- Malditos! malditos padres! Malditos cardeais! Como eu os odeio! - e então começou a dar gargalhadas enlouquecidas - que satisfação que tive ao vê-los morrer, um degolado, um caindo de um penhasco, outro pisoteado por um cavalo, outro envenenado de forma humilhante - e ali ele ria e voltava a chorar desconsolado. Tive muita compaixão desse quiumba pois o ódio que ele trazia há tanto tempo devia causar um sofrimento muito grande. Quem guarda o ódio certamente sofre mais do que o odiado.

- Então, moço - disse João Caveira - chega de descontar em pobres inocentes um erro que eles não cometeram aceitando esses trabalhos de magia mesquinhos pois o seu ódio só irá leva-lo a um ciclo terrível de dor infinita. Nessa gira de Umbanda eu vou lhe fazer um favor e farei isso em nome da Causa das

Hierarquias Superiores que é o que agora eu defendo e por isso eu vou extrair de você todo o fluído denso que te prende aos planos astrais negativos.

O quiumba se levantou do solo em novo ataque de desespero, se ajoelhou aos pés de João Caveira e disse desesperado:

- Senhor João Caveira, não faça isso por favor! Não! Tudo menos isso! Eu faço o que o senhor quiser, eu me escravizo ao senhor tanto tempo quanto seja possível. Se o senhor fizer isso, se o senhor extrair de mim o fluído denso eu terei que...terei que...

- Reencarnar. - Completou João Caveira. - e esse é o maior favor que podem te fazer diante de sua atual condição. Eu entendo o seu pavor pois as condições da reencarnação serão terríveis, mas isso cabe à Divina Providência decretar. Você está se mantendo no plano astral usando a manipulação do fluído e isso só o está fazendo chegar cada vez mais no fundo do poço. Eu recebi instruções dos mestres da nova causa a que eu sirvo e foi determinado que eu assim o fizesse.



O quiumba se desesperou e percebi ainda com grande compaixão o quanto a ideia da reencarnação era temida por esse espírito. Que tipo de situações ele teria que viver para se corrigir? Que tipo de corpo ele deveria ter para compreender seus erros? Onde ele precisaria nascer para conseguir aprender a perdoar?

- Por favor, eu te imploro - suplicou a entidade. - Não me deixe retornar ao Mundo Material! Eu posso até trabalhar aqui se vocês quiserem, eu fico até ali no portão, eu faço o que for preciso!

- Uma das funções da falange de João Caveira no mundo espiritual é essa, sabia? Nós buscamos encontrar espíritos que estão fugindo da Lei da Reencarnação por meio de magia para ajudá-los a perceber que isso só os está afundando ainda mais no sofrimento. Quanto mais tempo você ficar no plano espiritual mais sofrimento terá em sua vida encarnada pois mais distante estará da regeneração. Então entenda isso como uma oportunidade de redenção diante de tudo o que você já fez por aqui.

- Não, por favor! - o quiumba continuava implorando. - Eu posso começar a mudar, eu posso parar

de fazer o que eu faço. Eu vou parar de prejudicar as pessoas, eu prometo. Se o Senhor quiser eu assino um contrato.

- Não tem mais conversa, meu irmão. Você está fugindo da lei que governa o Universo e que manda a todos reencarnar para aprender. Você sabe em seu íntimo que se for solto continuará praticando tudo o que sempre praticou. Você tem uma alma maldosa e por isso a reencarnação te é tão necessária. Você se esqueceu completamente de sua natureza divina e de sua essência ligada ao Criador. O único meio de você se recordar disso é por meio da reencarnação que não é castigo, mas sim aprendizado.

O quiumba estava completamente desconsolado no chão. João Caveira prosseguiu:

- Moço, se você está tão disposto a mudar seu comportamento por que não começa agora? - o quiumba levantou a cabeça sem entender o que o guardião estava dizendo. - Você pode começar sua regeneração nesse exato momento praticando o perdão que é um dos mandamentos divinos que limpam nossa alma.

- Do que você está falando, Senhor João? - perguntou o quiumba confuso.

- Um de seus maiores inimigos está nesse momento presente nessa gira. Você sabe o motivo de desejar tanto a consagração desse rapaz chamado Márcio logo que o viu? Oras, você nunca pediu isso antes se contentando com as oferendas e objetos não é? E por que quando viu esse menino logo o quis para si para usar dele de forma macabra e cruel? Ali está o espírito do cardeal que tanto lhe fez sofrer e que agora sofre debaixo de sua cruel vingança. Mesmo inconsciente disso você continua sua vingança e os laços do carma atraem vocês para o mesmo convívio. Não há verdadeiro vilão e nem verdadeira vítima nessa história e quando dizemos que você prejudica inocentes estamos falando apenas dos inocentes dos outros trabalhos de magia que você aceita fazer. Porém, em relação a sua história com Márcio, se abrimos o livro da vida eterna de cada um percebemos que laços tênues de culpa e redenção unem vocês.

O quiumba ficou perplexo e se virou imediatamente para o lugar de Márcio que permanecia

sentado na assistência, mas invisível ao quiumba. O ódio retornou aos olhos dele que mesmo não vendo sabia que seu grande inimigo de eras estava ali e agora que sua lembrança sobre o fato havia ressurgido sua fúria estava ainda mais forte. João Caveira colocou a mão no ombro do quiumba e disse:

- Vamos, comece agora seu processo de redenção. Perdoe o cardeal que hoje é Márcio.

O quiumba derramou lágrimas de ódio e novamente se abaixou com a cabeça no solo fechando os punhos com força e batendo no chão com raiva.

- NÃO! NUNCA! Eu o odiarei para sempre! - vociferou ele. - Não consigo perdoá-lo porque ele é uma pessoa execrável. Ele merece todo o sofrimento possível e eu vou me encarregar disso.

- Viu, irmão, você não consegue fazer isso em seu atual estado. Para desenvolver o perdão você precisa da escola da vida terrena. Não há o que fazer. - João fez um sinal com as mãos e outros guardiões vieram e levantaram o quiumba. - Nós vamos te levar para um lugar onde poderemos extrair toda a energia densa que

você possui e depois a Divina Providência cuidará de seus caminhos. Você vai seguir o caminho natural de todo espírito.

O quiumba que antes aparentava certa fraqueza se fortaleceu repentinamente, se desvencilhou dos guardiões e correu para o médium que havia sido sua porta de entrada para o terreiro. Atrás desse médium se encontrava uma cabocla do mar fazendo um complexo trabalho de limpeza que impossibilitou completamente o uso desse médium pelo espírito. Ali ele foi novamente rodeado de flechas com arruda e alho e os sintomas da alergia espiritual retornaram a seu organismo astral. Enfraquecido ele foi levado aos berros pelos guardiões, não sem antes cuspir no lugar em que Márcio estava sentado. Enquanto ele era levado meu pai se colocou ao meu lado e disse:

- Realmente nesse caso somente a reencarnação pode ajudar. Há lições, meu filho, que somente a terra e suas condições podem nos dar. Enquanto não aprendermos essas lições continuaremos encarnando até completarmos tudo o que essa escola tem a oferecer.

Esse espírito não aprendeu a lição do perdão e por isso precisa retornar à escola terrena e tomar lições nessa área.

- É uma situação muito triste - disse eu.

- Não pense dessa forma, meu filho. Há condições realmente muito tristes sobre a terra que são definidas conforme as lições que lá fomos aprender. Mas até mesmo na terra o destino pode ser alterado e tomando as decisões corretas muitos sofrimentos podem ser evitados. Vamos pedir ao Pai Grande e aos Orixás que esse espírito possa tomar as melhores decisões em sua vida futura.

## **CAPÍTULO DOZE**

### **AS ÁGUA DO MAR**

Após o término dos atendimentos olhei para o terreiro e vi muita sujeira astral pelo chão e pelas paredes. Cordas, guias arrebetadas, insetos, uma serpente, pedaços de velas, alguidares e muitas outras coisas. O pai de santo se concentrou e começou a mentalizar os marinheiros e o povo da água para que viessem limpar o terreiro de toda essa sujeira. A corrente se concentrou e juntos passaram a cantar o ponto de chamada dos marinheiros da umbanda que em nossa Tenda são capitaneados pela entidade Martim Pescador.

*Marinheiro é hora,  
é hora de vir trabalhar  
é pau, é chuva, é pedra.  
marujo nas ondas do mar.*

Enquanto todos cantavam senti o cheiro forte de maresia e ouvimos o barulho forte das ondas misturado a um característico cheiro de rum. Nossos pés foram molhados por água salgada que se plasmava no terreiro enquanto ouvíamos surgir de toda parte as risadas e algazarras dos marinheiros da Umbanda. Marinheiro por marinheiro foi surgindo no terreiro e quanto mais eles apareciam mais água salgada fluía pelo chão sustentada pela mente dessas entidades.

No meio do terreiro surgiu então Martim Pescador que se apresentava como um homem alto e negro de mais ou menos quarenta anos, com barba e bigode esbranquiçados. Vestia uma calça cortada até um pouco abaixo dos joelhos de cor azul claro e uma camisa longa branca abotoada somente até a área do plexo solar. Ele trazia amarrada em suas costas uma rede de pescar e uma vara e na mão segurava uma garrafa de rum plasmada por ele. Os marinheiros vinham cambaleando para lá e para cá pois no lugar em que viviam eles estão geralmente em barcos, navios ou até mesmo diretamente nos oceanos e quando tinham que ficar parados pela



mediunidade eles tinham dificuldade de controlar as vibrações.

- Salve a marujada! - saudou seu Martim - é Deus no Céu e Martim Pescador na terra! Esse terreiro está bem sujo hoje, homem, estamos cheio de trabalho!

Martim tocou a nuca do médium e se uniu aos chacras promovendo a incorporação. Assim que incorporou a água do mar que estava somente no solo passou como que a soltar gotículas de vapor que se impregnaram nas paredes, no corpo dos médiuns e consulentes. Essas gotículas absorviam as negatividades e caíam líquidas no solo novamente realizando uma limpeza forte do terreiro. Martim observou os consulentes da casa e os membros da corrente e logo identificou quem estava com mais cargas negativas dos atendimentos. Dirigiu-se cambaleante a uma moça que mesmo sem saber tinha forte mediunidade e tinha absorvido fluídos do consulente que se sentou a seu lado e disse:

- Salve, mulher! Você é solteira, casada ou desquitada? - perguntou soltando uma risada gostosa. A mulher também riu e enquanto eles continuavam a

conversa Martim Pescador manipulava a energia da água salgada para limpar a consulente. Com a conversa ele logo passou a tocar em assuntos importantes para o emocional da pessoa o que facilitou ainda mais a limpeza. Havia no pescoço dessa consulente uma mancha marrom que não desaparecia com as gotículas de água do mar e em determinado ponto da conversa quando o marinheiro perguntou sobre o trabalho da consulente a sujeira se soltou. Curioso com a atuação dos marinheiros me aproximei do Capitão dos Sete Mares que estava ajudando na sustentação mental da água do mar e perguntei:

- Salve Marujo! Eu percebi que quando o Martim Pescador está fazendo sua limpeza ele vai conversando com a consulente e em determinados pontos da conversa a limpeza fica mais fácil. Essa minha percepção está correta?

O capitão com toda a sua formalidade me cumprimentou com uma continência e respondeu:

- Salve Sete Estrelas! Sua percepção está correta sim. Um marinheiro nunca conversa simplesmente para jogar conversa fora. Por mais que muitos de nós

realmente gostem de conversar com os encarnados aproveitamos esse momento de descontração para tocar em feridas ou em assuntos que impedem o fluxo das emoções de cada um. Às vezes o consulente nem sabe que determinado assunto bloqueia suas emoções e quando citamos certas frases na conversa isso acaba sendo transformado. Os fluídos negativos que o médium ou consulente atrai para si sempre tem relação com a natureza de seus pensamentos, mas especialmente e preponderantemente com suas emoções. As emoções possuem grande força de atração no plano astral pois o plano astral é eminentemente feito de energia emocional. Por isso algumas sujeiras grudam de tal maneira no corpo astral que para ser lavada é necessário produzir uma alteração dos sentimentos da pessoa mesma que momentânea. Nós fazemos isso usando toda a nossa alegria e vivacidade e dessa forma conseguimos mexer com os sentimentos das pessoas e melhorar o nível de nossa limpeza.

Fiquei muito animado com os esclarecimentos do Capitão pois aprendi ali que as emoções que carregamos

são responsáveis por muitas das cargas negativas que carregamos. Imaginei por um momento uma pessoa que passe o dia todo com estados emocionais negativos e que saia caminhando por uma rua repleta de pessoas! Imagine o quanto de cargas negativas ela atrai para si nesse inocente passeio! Realmente o ser humano é responsável por grande quantidade dos problemas que passa pela terra.

- Capitão, você me permite mais uma pergunta? A água do mar que está sobre esse solo é o suficiente para dissolver essa sujeira ou vocês precisam levar isso para outro lugar?

- Observe a água no solo, Sete Estrelas - disse o Capitão apontando para a água. Ela estava começando a apresentar manchas enegrecidas semelhantes a manchas de óleo. - todos as sujeiras vão se diluindo mas somente esse trabalho não é suficiente. Somente o mar por si mesmo pode dissolver essas energias. Perceba que o mar possui fossos de grande profundidade, não é? Esses fossos são responsáveis por absorver o fluído negativo com o qual toda essa sujeira é construída. Nossa água

aqui no terreiro dissolve os objetos em fluído negativo líquido e depois nós transportamos tudo isso para o mar. Essa água não polui o oceano astral porque ele foi criado para isso para absorver fluído negativo e atrair para os fossos marinhos. Claro que não ocorre o mesmo com a poluição material que não é absorvida por esses fossos e que suja em verdade o mar. Mas energia astral negativa é dissolvida se está solidificada e é atraída para esses fossos por correntezas astrais que servem para isso. Por isso o banho de mar é tão saudável a todos os encarnados porque dissolve tudo o que está neles e toda essa energia é atraída para os fossos onde é encaminhada para a fonte de fluído negativo do planeta que fica no interior da terra.

Além disso o mar é repleto de minerais, ervas e locais ainda desconhecidos pela ciência material com infinitas funções energizantes. A energia vital da natureza flui pelos oceanos se unindo aos fluídos de plantas, minerais e animais com frequências vibratórias altas. Assim, toda essa vida e energia presente no oceano envolve os banhistas com uma vitalidade que pode curar e

fazer grandes milagres. O mar purifica, limpa e enche o ser humano de vitalidade.

- O mar é realmente uma benção! - disse eu admirado com a aula do capitão. Seguido a isso Martim Pescador ordenou o retorno dos marujos aos seus navios pois a função deles na gira daquela noite tinha terminado. Marinheiro por marinheiro foi se retirando do terreiro e com a partida de cada um deles uma porção da água suja também desaparecia sendo certamente levada para o oceano com a entidade. Ficou em terra apenas o Capitão e Martim Pescador e os dois olharam para o solo do terreiro percebendo que em alguns cantos ainda tinha uma lama completamente enegrecida de aparência repugnante.

- Por que essa lama não foi levada embora, capitão? - perguntei intrigado.

- Essa lama vem dos recantos mais sujos do ser humano ou dos espíritos que passaram pela gira hoje.

Existem sentimentos humanos alimentados por tanto tempo pelas pessoas que passam a se solidificar no plano astral e até tomam forma. Uma tristeza mantida por

cinquenta anos, por exemplo, pode tomar a forma de uma pessoa no plano astral que se alimenta dessa tristeza para se manter viva. É o que chamamos de formas pensamentos ou larvas astrais criadas pela própria pessoa possuindo forma e vontade de se manterem vivas. Os marujos são responsáveis por limpar o terreiro da maior parte das energias, mas quando estão presentes formas pensamentos muito antigas elas acabam se tornando essa lama que só pode ser removida com sucesso pelas sereias. As sereias são espíritos muito inteligentes do oceano ou dos rios que comandam milhares de elementais da água em seus processos de limpeza. Nessa casa eu dirijo o trabalho delas e elas dirigem o trabalho dos elementais que conseguem agir diretamente nessa lama limpando os últimos resquícios disso no terreiro. Além disso elas conseguem fazer uma utilização boa dessa lama, e por isso, mesmo que alguns marujos presentes tenham o poder de remover isso eles costumam deixar para esses espíritos. Peço sua licença para fazer o meu trabalho.

O Capitão irradiou sua aura sobre o pai de santo e em questão de segundos o terreiro estava novamente repleto de uma água de mar de tom verde belíssimo. Essa água era mais revolta do que a anterior e provocava até ondas e ventos dentro do terreiro mostrando a grande força desses espíritos de sereias. Manipulando a água estavam trinta sereias que se apresentam realmente como mulheres nuas da cintura para cima com cauda de peixe em diversos tons sendo algumas azuis, outras verdes e até vermelhas. Algumas usam coroas sobre o cabelo e outras não usam nada, algumas são brancas de pele e outras de pele preta. Elas entoam cânticos de grande vibração e se nos concentramos nesse cântico acabamos nos sentindo no mar envolto em ondas e peixes. O capitão orquestrava as sereias como se fosse um maestro apontando os locais onde havia a necessidade de limpeza. Percebi que com o ectoplasma dos médiuns incorporados toda essa força de limpeza podia ser produzida com maior eficiência, pois as sereias com médiuns possuíam maior poder de manipulação dessa água marinha enquanto as demais estavam apenas auxiliando o trabalho dessas.



Quando a limpeza terminou o capitão deu um sinal e todas foram retornando as suas habitações marinhas deixando os médiuns e o terreiro sem resíduo nenhum de energia negativa. Por fim o Capitão e Martim Pescador também partiram deixando o terreiro com uma maravilhosa vibração de limpeza.

Observei de perto um dos médiuns que tinham incorporado a sereia e fiquei muito surpreendido com o perfeito estado de limpeza e equilíbrio produzido por elas. Os chacras estavam completamente desbloqueados, o corpo etérico sem um sinal de sujeira, o corpo astral completamente purificado e a aura brilhante. O trabalho das sereias é muito espantoso e muito poderoso! Porém, o médium observado logo se pôs a desequilibrar novamente seu estado por meio de algum pensamento ou sentimento obscuro que teve um efeito imediato sobre seu chacra cardíaco que mudou um pouco de tom. Mesmo assim o restante ficou muito bom demonstrando que em um bom trabalho de Umbanda o médium sai muito melhor do que entrou.



## **CAPÍTULO TREZE**

### **FRATERNIDADE UNIVERSAL**

O pai de santo agradeceu a Deus pelos trabalhos da noite puxando com todos os presentes a oração final. Nesse momento todos nós, espíritos trabalhadores, nos demos as mãos formando círculos dentro de círculos ao redor de todos os presentes no espaço do terreiro. Rezamos juntos com todos as orações finais suplicando a Deus e aos orixás que protejam esses nossos filhos durante a semana que se seguirá, e entregando a todos eles um pouco de nossa energia para que fiquem bem. Nesse momento é comum nos emocionarmos com tudo o que foi feito no trabalho e sentimos uma grande gratidão pelos encarnados e desencarnados que ali se fizeram presente para realizar a gira de caridade.

Durante o canto de fechamento da gira o círculo é desfeito e todos os espíritos abençoam os médiuns e consulentes uma última vez. Após a despedida os espíritos retornam a seus locais de força ou continuam os trabalhos

que assumiram naquela gira visitando casas de consulentes, hospitais, moradores de rua, os planos sombrios e muitas outras tarefas.

Enquanto os espíritos iam se retirando do terreiro meu pai se aproximou de mim, colocou a mão em meus ombros e disse:

- Meu filho, muito obrigado pelo seu trabalho essa noite. Foi uma gira intensa e você fez muito bem o seu trabalho garantindo a presença de Márcio aqui e coordenando tudo.

- Imagina, meu pai e rei. - respondi - o senhor não precisa me agradecer. Eu sou tão feliz trabalhando nessa religião que para mim nem pode ser considerado um trabalho. Eu tenho verdadeiro prazer em estar aqui transmitindo a todos seus conhecimentos e lições, meu pai. O senhor transformou minha vida e me resgatou de uma situação lamentável tanto na vida encarnada como na vida desencarnada e eu lhe tenho muita gratidão.

- Meu filho, nós podemos ser um instrumento na vida de alguém representando o Pai Grande. Mas todo o mérito do seu resgate é completamente seu que se

depurou pouco a pouco em seu sofrimento e teve a oportunidade de se reerguer. Eu só fui um instrumento utilizado por Deus para mostrar que você já estava pronto. Não importa o tamanho da queda, meu filho, o Pai Grande concedeu a todos a força necessária para se levantar.

Fiz uma reverência a meu pai me recordando dos horrores que vivi nas Terras da Noite onde fui assombrado pela minha própria consciência. Por mais que meu pai insistia em me dar todo o mérito desse resgate na verdade eu sabia que se não fosse a misericórdia dele em jamais desistir de mim eu não estaria aqui hoje. Porém, essa é uma história para outra ocasião onde se Deus o permitir a contarei com detalhes.

- Meu filho, nosso trabalho ainda não acabou com Márcio. - disse meu pai me chamando para um serviço extra. - Você quer me acompanhar até a casa de Márcio para terminar o trabalho dessa noite?

- Claro, pai. Vamos lá! - concordei animado. Márcio estava a caminho de sua casa e percebemos em nosso acompanhamento que a casa era repleta de

vibrações negativas, larvas astrais e ressonâncias passadas negativas. Nossa missão final da noite consistia em limpar a casa de Márcio antes que ele lá chegasse.

Quando chegamos à casa de Márcio meu pai plasmou para nós dois turíbulos com diversas ervas já queimando dentro deles. A fumaça de odor magnífico subia e já se espalhava pela casa que naquele momento estava sem ninguém, ou melhor, quase sem ninguém como logo iríamos perceber. Meu pai fez uma oração em sua língua antiga sobre as ervas dos dois turíbulos e disse para que eu fosse até a porta esperar enquanto ele viria dos fundos para a frente limpando o ambiente. Depois que ele limpasse eu entraria pela casa irradiando positividade, saúde e fortalecimento energético.

Meu pai foi para os fundos e enquanto cantava uma cantiga de defumação passou a emanar a fumaça por toda parte. Víamos manchas na parede evaporarem, bichinhos parecidos com minhocas caírem no solo e evaporarem, vi ratos saírem correndo da casa para fora, serpentes e baratas também. As energias negativas tomam a forma de insetos, ratos e outros seres ligados ao

obscuro e a defumação concentrada tem uma real efetividade sobre essas energias personificadas.

Quando meu pai chegou na porta do quarto da mãe de Márcio ouvimos alguém tossir lá de dentro e meu pai parou observando. Eu não estava vendo ninguém, mas meu pai tinha uma visão que alcançava seres de diversas vibrações. Meu pai relatou que ali estava um senhor de terno preto completo com uma Bíblia debaixo do braço apresentando uma aura de cor amarela indicando não se tratar de um mau espírito. Esse senhor olhou para meu pai e disse:

- Mas vocês estão aqui de novo! Pensei que já tinham terminado o que vieram fazer. - meu pai disse que o tom não era agressivo, mas que o espírito estava ligeiramente incomodado.

- Peço desculpas, meu irmão, se eu o incomodo. - disse meu pai - você é o guardião da mãe de Márcio, não é? Essa não é a primeira vez que o vejo, mas é a primeira vez que você aceita contato.

- Eu sou sim, sou o protetor da mãe do rapaz. Cheguei aqui para fazer mais ou menos o que você está

fazendo, vou orar por essa casa para que tudo fique limpo quando ela chegar. Quando entrei vi você jogando fumaça em tudo!

- Peço desculpas, irmão. Essa fumaça contém o fluído de ervas que ajuda na limpeza astral da casa deles. Essa é nossa forma de orar pela limpeza desse local. Você está incomodado conosco?

O espírito evangélico olhou meu pai com o que parecia ser desconfiança, mas pouco a pouco foi desarmando sua expressão e disse:

- Eu trabalho há certo tempo nessa igreja e já sei reconhecer a qualidade dos espíritos. Você e o outro que está ali não são ruins. Eu peço desculpas se me incomodei a princípio, é que minha religião é muito diferente da sua e por muito tempo eu trouxe e ainda trago em mim opiniões muito negativas em relação à Umbanda.

- Eu imagino, meu irmão e não precisa pedir desculpas. Você não precisa se desculpar por algo que manteve como fé por tanto tempo. Não estou aqui para pedir que abandone suas crenças, de forma alguma, mas em nome de Jesus que também é nosso mestre peço que



se esforce em compreender nossa religião. Nós trabalhamos pelo bem e buscamos servir a Jesus com nossos conhecimentos da natureza que é um pouco diferente da forma utilizada por vocês. Não queremos conversão à nossa religião, queremos apenas compreensão. É triste que ainda a religião nos divida um pouco no plano espiritual, mas tenho fé de que um dia as diferenças serão enxergadas como qualidades individuais e passaremos todos a trabalharmos juntos.

- Se for essa a vontade de Deus! - disse o evangélico. - O trabalho que vocês fizeram com Márcio foi muito bom pois eu estive observando e realmente os frutos foram positivos. Uma árvore má não dá bons frutos como diz o Senhor.

Meu pai sorriu e disse:

- Fico muito feliz de encontrar em você amor e respeito. Obrigado pela compreensão. Eu também observei o seu trabalho de oração com a mãe de Márcio e é impressionante o como ela melhorou de seus problemas emocionais e espirituais vindo a se desligar completamente da entidade das trevas que a perturbava.

A oração de vocês é feita com muita fé e amor a Deus e isso verdadeiramente é o que toca o coração do Pai Grande.

- Muito obrigado pela compreensão e respeito - disse o senhor evangélico. - Bom, acho que o melhor que temos a fazer é nos tornarmos amigos. O que o senhor acha?

Meu pai estendeu a mão para ele e deram um aperto de mão que me deixou muito espantado. Já encontramos outros espíritos de algumas denominações evangélicas e católicas e sempre a conversa foi muito difícil. Ali, diante de meus olhos, estavam um caboclo da Umbanda e um espírito evangélico dando um aperto de mão como irmãos.

- Que nossa amizade nos faça crescer no conhecimento de Jesus, meu irmão - disse meu pai. - O que acha de limparmos a casa juntos? Nós podemos defumar enquanto você faz sua oração e com certeza dessa forma os efeitos serão muito superiores.

O senhor evangélico concordou e juntos começamos a limpar a casa. Meu pai e eu cantamos um

ponto de defumação que falava de Jesus e de seu poder e o senhor evangélico orava em voz alta em união conosco pelo bem estar e felicidade dos moradores daquela casa. Ali estava a imagem perfeita do amor entre as religiões que por meio de instrumentos diferentes conseguiam chegar aos mesmos efeitos de caridade. Quando terminamos a casa estava brilhando e não se via mais nenhuma sujeira astral. Bem nesse momento Márcio entrou em casa e assim que chegou ao corredor central parou abruptamente como se estivesse sentindo algum cheiro.

- Nossa! - disse ele em voz alta - estou sentindo o cheiro das ervas do terreiro. Acho que eles estão aqui! - e se dirigiu para a cozinha preparar seu jantar. Nós três rimos e nos despedimos já que nosso trabalho estava feito.

Na rua eu e meu pai iríamos nos separar pois ele iria para a Jurema Sagrada e eu ainda tinha que verificar os pontos de força do terreiro.

- Pai, - perguntei - o senhor sabia que isso ia acontecer, não é? O senhor sabia que íamos encontrar esse senhor.

- Eu sabia que ele estava aqui, meu filho. Só não sabia o que nos reservava o contato com ele. Eu sei que você é muito bom com as palavras e trouxe você para conversar com ele, explicar nossa religião e nossas boas intenções. Mas no fim ele se mostrou um verdadeiro seguidor de Jesus nos tratando com amor e respeito. Somos todos filhos de Deus tentando ajudar os encarnados a serem felizes, meu filho, sendo que alguns ajudam com a Bíblia e nós ajudamos com as ervas, mas no fim todos só queremos a felicidade da humanidade. Esse é o único sentimento que pode unir todas as religiões que é a compaixão. Hoje o Pai Grande nos deu uma lição muito poderosa que é a de que em essência só existe uma religião e essa religião é o amor. Se professarmos a religião do amor as ervas da Umbanda podem se unir à oração evangélica e juntos buscar felicidade. Não digo que as religiões devam deixar suas essências e misturar as coisas, jamais. Só digo que

quando o amor for superior às diferenças o umbandista vai respeitar o evangélico e o evangélico vai respeitar o umbandista e ambos perceberão que são manifestações diferentes do mesmo e único Deus.

Meu pai beijou minha testa e foi para a Jurema Sagrada se unir aos nossos irmãos trabalhadores da Umbanda. Olhei as estrelas cintilantes do céu e lágrimas de gratidão caíram dos meus olhos.

- Meu Senhor Nhamandu! – rezei - Obrigado pela oportunidade de fazer parte dessa corrente de amor. Que eu possa ser para sempre um instrumento de sua paz assim como meu pai o é. Que um dia eu seja digno de sua compaixão! Peço sua benção! Saravá!

